

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL
DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

SUMARIO

- | | |
|--------------------------------|---------------------------------------|
| QUE E COMO ENSINAR — Redação. | DAQUÍ E DALÍ - Como se ensina ana- |
| INDIVIDUALISMO E SOCIALISMO | lise logica - Raul Apocalypse. - Pela |
| EM EDUCAÇÃO — F. de M. Franco | libertação das crianças — Mario |
| A VIDA DE JESUS E O ENSINO DO | Mattos. |
| CATECISMO (Continuação) — D. | PESTALOZZI — Tradução. |
| Maria Luiza de Almeida Cunha. | A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS RE- |
| DR. OVIDIO DECROLY — Redação. | TARDADAS — H. A. |
| NOSSA EXPERIENCIA — Redação. | NOTICIARIO. |
| NOTAS E COMENTARIOS — A. M. M. | ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO. |

A NOVA ORTOGRAFIA

Decreto Federal n. 20.108, de 15 de junho de 1931

Texto comentado por
competentes professores mineiros

2.^a EDIÇÃO

Indispensável aos professores e alunos das
escolas primárias e secundárias

Pedidos á Redação da "Revista do Ensino"

Um exemplar - 800 réis

Pedidos superiores a 100 exemplares
25,º de abatimento

ANO VI

1 DE NOVEMBRO DE 1932

REVISTA DO ENSINO
ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO



QUE E COMO ENSINAR

Qual a reação da criança diante de uma lição interessante? Qual o seu comportamento no estudo de geografia? Qual a atitude no recreio e na classe?

Estes e outros muitos problemas solicitam, a cada momento, a atenção do mestre.

Ao mesmo passo que vai examinando e resolvendo estas questões, e, portanto, atendendo aos estímulos da criança, outras interrogações vão surgindo:

Que devemos ensinar? *Como* ensinar?

A característica de todos os ensaios que empolgam os pedagogos reside mesmo — diz Sainz — em saber:

1) se o que ensinamos é o que lógica e realmente devemos ensinar; e

2) se é assim, e não de outro modo, que se ha de ensinar.

Antigamente o problema determinava o "*que*" se devia ensinar, e o mestre, o "*como*" ensinar. Hoje inverteram-se os papéis: a vida real determina o *que* se deve ensinar; e a criança, o *como* ensinar.

Harmonizar o *que* e *como* compete ao programa escolar que é, atualmente, um dos maximos pro-

blemas do ensino. A sua organização, em linha geral, deve obedecer a um plano que o torne um guia de atividades e nunca, como até aqui, um índice de matérias.

Os pontos inexpressivos e aridos deverão ser substituídos por problemas reais, naturais, cheios de vida e que se enquadrem nas possibilidades materiais e mentais dos alunos.

Dêles devem brotar o exercício do raciocínio, o aproveitamento da atenção, a força da imaginação construtora. Por meio dêles a instrução será um instrumento de educação; os efeitos, os resultados, as leis, não serão antecipados, mas deduzidos logicamente e mediante uma nitida atividade do aluno.

Em torno destas duas palavras o *que* e o *como* gira todo esforço educacional do mundo. São problemas que devemos resolver com urgência.

INDIVIDUALISMO E SOCIALISMO EM EDUCAÇÃO

(Conceitos de F. Sainz)

A preocupação pedagógica que caracteriza o nosso tempo reflete-se na luta que se desenvolve no sentido de harmonizar os ideais individualistas e os sociais na educação.

Não nos referimos a uma questão de método na concepção e no desenvolvimento de um programa de atividades escolares, senão a um problema fundamental, qual o deveríamos se convém preferentemente cultivar a individualidade ou se, pelo contrário, será preferível pela sorte ou a

ventura possível do individuo destacar-lhe menos a personalidade e colocá-lo melhor situado e dotado no seio de uma atividade em que forçosamente ha de cooperar.

Afirmamos que não se trata de uma questão de método, porque o problema que neste momento se formula não o devemos confundir com estoutro de técnica escolar: se é mister tratar as crianças como agentes da propria educação, de acôrdo com as aptidões ou capacidades de cada uma, ou se convem governá-las *em massa*, consoante o estilo tradicional, ainda vigente quasi em toda parte. Solucionando este ultimo problema, já se demonstrou que ha perfeita congruência entre o respeito ás particularidades mentais ou aptidões pessoais e a observancia dos principios que regem a educação em comum.

Para que não gere confusão o que adiante diremos, aqui asseveramos á pressa que ás doutrinas da Renascença devemos nós, educadores, uma clasa diretriz relacionada com o desenvolvimento do nosso trabalho fecundo e nobre.

A Renascença destruiu o criterio arbitrario na valorização da personalidade, considerando o homem interior e estimando-o de conformidade com os respetivos meritos e virtudes.

Se o homem deve encontrar dentro de si mesmo a possibilidade de elevar-se e de governar sua conduta, torna-se necessario, como se reconheceu, revesti-lo da mais ampla liberdade.

Convem agora, por outro lado, esclareçamos o sentido do humanismo, sob o nosso ponto de vista.

Devido á influencia do humanismo, aspira-se á pura exaltação do individuo ou, pelo contrario, ao engrandecimento do universal humano?

A ambas as cousas, simultaneamente. Pretende-se consagrar a especie, sem, todavia, impedir ou estorvar os surtos individuais. E' a exaltação harmonica do individual e do universal, em beneficio do individuo e da comunidade, reciprocamente.

Em pedagogia essa orientação traduz-se no culto á per-

sonalidade e á liberdade da criança para o pensamento e para a ação com a alegria como apanagio comum.

Para o educador tal doutrina significa que a liberdade não é sómente o meio de tornar eficiente e humana a educação, mas também o fim supremo a que visa o labor docente: dar á criança a capacidade de ser livre.

Como, porém, seremos livres sem que os demais cooperem no sentido de ser garantida a nossa liberdade ou sem que essa liberdade transcenda o circulo dos nossos interesses individuais para, beneficiando, atingir os outros?

O regime que garante os direitos e induz ao cumprimento de deveres impostos pela consciencia de sua necessidade, porquanto nada acontece por acaso, senão com plano e ordem, foi que moveu Vidal a formular aquela frase contraditória na aparência, porém exata e profunda na substancia: " Em nome da liberdade invocamos a organização", conceito inteiramente applicavel á escola, que não se pode organizar de forma eficiente senão como uma comunidade que ofereça estímulos e direções aos interesses particulares de cada um de seus membros e, ao mesmo tempo, cultive os interesses coletivos, solicitando a cooperação de todos.

Ao indivíduo impende o dever de desempenhar na vida uma função, lutando nela para a um tempo vencer os obstáculos e progredir, por isso que á sociedade assiste o direito de exigir que cada um lhe preste, na esfera de sua atividade, os melhores serviços.

Quanto á escola, sem duvida esta ha de organizar-se para a ação, unica forma de todo o ponto compatível com a sua função social.

O estabelecimento docente cumprirá tão importante missão se, guiando a atividade infantil, lograr conformá-la com os hábitos sociais ou socializá-la em todos os sentidos, pondo sempre a cooperação acima dos outros interesses e subordinando-a sobretudo aos poderes da comunidade,

Assim concebido e organizado o trabalho escolar, ficarão relegadas a um segundo plano as preocupações individualistas.

O que interessa, destarte, não é o que cada qual possa ser em seu isolamento; não é o que cada membro social valha em absoluto, senão incorporado aos demais colaboradores; não é o fruto da atividade e das habilidades pessoais, senão o resultado da ação conjunta. Não é, em suma, de tal indivíduo, mas sim do grupo a que o mesmo pertença, que se ha esperar um produto útil.

Por outro lado, cada vez mais vivaz se apresenta a aspiração social de descobrir, para o necessario cultivo, as aptidões e os pendores individuais.

Tal tendencia se fundamenta em considerações de justiça e de logica, que se nos afiguram imutáveis: a primeira é que a sociedade seria injusta se impedisse que os melhor dotados espiritualmente encontrassem a possibilidade de atingir uma posição social á altura dos proprios merecimentos ou auferissem, na vida particular, as consequentes facilidades; a segunda é que, nesse caso, volveríamos a incorrer na cegueira que implica a não compreensão de que a propria sociedade se beneficia com o aproveitamento das capacidades individuais.

Sobre a necessidade da socialização da cultura coincidem na atualidade os espiritos mais sensíveis á justiça, ainda que ao mesmo tempo neguem e combatam a doutrina socialista em outra ordem de aspirações humanas.

E porque é definitiva a conquista que a Renascença realizou em favor dos direitos individuais, toda negação da liberdade constituirá uma situação transitoria, um fenomeno que contribuirá para, exacerbando as ansias de liberdade, acelerar o ritmo da historia do país em que se verificar.

Se assim é no terreno social e político, na órbita pedagógica já ninguém contesta o respeito que devemos á personalidade do aluno e aos direitos que lhe assistem como sujeito substantivo da educação.

Mas, e esta é a idéa central que procuramos refletir neste artigo, qual deve ser o objetivo essencial da ação educadora: habilitar o aluno para um triunfo pessoal na vida,

exaltar-lhe os valores individuais, ou prepará-lo sobretudo para um labor social, articulando os talentos individuais em uma ação coletiva?

Não reputamos antagonicos os dois objetivos, pois que não é razoavel pensar em uma organização cooperativa que surta o maximo rendimento sem uma habilitação das individualidades, nem seria progressivo na historia das reinvidicações humanas que o individuo voltasse a fundir-se na massa da sua especie.

Desejamos saber, entretanto, que as aspirações devem inspirar e mover preferentemente o educador: aquelas cuja realização convenha ao individuo ou as que devam ser levadas a efeito no interesse da coletividade.

A aspiração universal dos pais é que os filhos triunfem na vida, instalando-se superiormente na sociedade.

Para esse fim envidam todos os esforços, esquecendo-se muita vez das transformações que se operam na sociedade, como se a situação dos individuos não se prendesse e suburdinasse á situação dos povos, como se fosse dado ao individuo lograr exitos, sentir-se bem e á vontade dentro do mal-estar dos demais e da derrocada geral.

No seculo passado as transformações sociais foram tão lentas que não chegaram a suscitar o problema resultante da necessidade de coordenar o futuro individual com o destino dos povos.

De alguns anos a esta parte, porém, inverteram-se os termos, de modo que agora pensamos mais na proxima situação do mundo do que na sorte dos individuos, ao contrario do que ainda ocorre em relação ás familias menos instruidas, que se alarmam sentindo menos garantido o futuro dos filhos em face do movimento inquietante das correntes sociais.

A estas não interessará, sem duvida, nenhum proposito generoso; serão movidas talvez unicamente pelo desejo pueril de encontrar uma formula que deixe a salvo o futuro dos filhos, porque nunca se apresentou tão escuro, como agora se vê, o horizonte dos exitos individuais.

E' esta uma das consequencias das reformas sociais e das novas estruturas impostas aos povos, não por uma doutrina, senão por uma serie de acontecimentos imprevistos.

Podem ficar á margem dessas comoções sociais de educação, como encastelados em velhas teorias filosofico-pedagogicas?

Creemos que não, e acrescentamos que, respeitando razoavelmente os gostos, as aspirações gerais e bem assim o que o egoismo tenha de licito, precisamos reformar com urgencia os planos e os metodos de educação.

Convem, alem disso, definir o que, como mais importante, se deva salvar, caso recrudescam as emoções politico-sociais: o individuo ou a sociedade. Porque se todos se empenharem em tomar posições pessoais ás avessas da realidade social e o Estado não acudir urgentemente com escolas que formem homens capazes de compreender essa realidade e aderir-lhe á causa, as instituições que permanecem irremissivelmente atrasadas poderão predominar dentro do caos que sem duvida surdirá.

Apelamos, pois, para o instinto dos mais egoistas e perguntamos: convem negar o movimento socializador e tratar de abafá-lo ou, ao revés, é preferivel evitar, preparando gerações que de alguma forma possam sacrificar as ansias individualistas em beneficio da comunidade, que a turba-multa dos incapazes usurpe todas as funções publicas?

Em resumo, a preocupação puramente individualista dos pais, acerca da escolha de uma carreira ou profissão para os filhos e a questão bem nobre e desinteressada que o Estado procura resolver, isto é, a seleção dos mais aptos, para dedicar-lhes maior atenção e provê-los de meios idoneos, têm que ser completadas, senão substituidas, por esta tése que requer pronta conclusão: em que lugar e em que função convem colocar cada um para que a sociedade o aproveite melhor.

As profundas transformações sociais que ora se operam em todo o mundo podem ser ou não agradaveis, podem ser be-

neficas ou perniciosas em relação á sorte dos homens. Certo, porém, é que elas aí estão, e desconhecê-lo seria prejudicial aos nossos interesses.

Urge, portanto, que se formem gerações capazes de assimilá-las, ordená-las e contê-las com prudência e método, ao invés de brutal e mecanicamente.

A aspiração da escola a preparar para a vida, os métodos e processos de derivação, a organização do educandário em sociedade, a constituição de comunidades escolares livres, o programa reflexo das atividades humanas, etc., se resultam de princípios incontestáveis, estes, entretanto, tornam-se cada vez mais vagos, á medida que os organismos sociais evoluem com ritmo crescente. A nosso vêr, essas formulas trazem ótima intenção, mas já não satisfazem, devido á pobreza de conteúdo. Fazamos da escola um organismo vivo, uma comunidade de trabalhadores. Mas que classe da sociedade havemos de formar e que genero de trabalho realizaremos nela? A sociedade escolar deve ir atrás ou adiante da sociedade real? Imitará o que já tenha ocorrido fóra do seu ambiente ou vigiará o horizonte social, afim de prepará-lo para o que assome ao longe?

Vejam os educadores o que os tempos estão a exigir da nossa preparação, o que se impõe ao nosso estudo e á nossa meditação.

Não ha muito o exercicio do magisterio reclamava apenas alguns conhecimentos elementares das letras e das ciencias; reconhece-se, depois, a necessidade de ampliar esse preparo com uma regular formação profissional e técnica para a aplicação de novas formas de organização e metodologia escolares; agora se reputa imprescindível o conhecimento dos rumos que toma a organização política e social dos povos.

Com estas linhas visamos não só descobrir o vasto campo que se abre á consideração do professor, mas tambem apelar para a sua responsabilidade em face da magnitude da tarefa que lhe é confiada.

Não ingressem no magisterio aqueles que tratem de resolver o problema da propria vida, mas sim os que aspirem a beneficiar e facilitar a dos outros.

Francisco de Mello Franco,
diretor da Escola Normal Oficial de Campanha.

A VIDA DE JESUS E O ENSINO DO CATECISMO

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

por D. MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA.

(Continuação.)

8.ª LIÇÃO

Os magos. — E prostrando-se, elles o adoram. — Deveres para com Deus. — Os 3 primeiros mandamentos.

Narrativa Evangelica

No tempo do rei Herodes, depois do nascimento de Jesus em Belém, 3 reis Magos vieram do Oriente a Jerusaleem e perguntaram: "Onde está o rei dos Judeus que acaba de nascer? Vimos sua estrella no Oriente e vimos adorá-lo".

Com esta noticia Herodes se perturbou. Reuniu os principes dos sacerdotes e os escribas e indagou deles o lugar onde devia nascer o Christo. Disseram-lhe: "Em Belém, terra de Judá, pois está escrito: "Tu, Belém, na terra de Judá, não és por certo a menor entre as cidades da Judéa, pois é de ti que ha de sair o chefe que deve governar Israel, meu povo".

Então Herodes mandou vir secretamente os Magos e indagou o tempo exato em que a estrella lhes tinha apparecido e lhes disse: "Logo que encontrardeis o menino, vinde dizer-me afim de que

eu vá adorá-lo tambem". (S. Mateus. Cap. II).

Os reis então partiram. A estrella os guiou até á casa onde estava o Menino com Maria, sua Mãe; entrarem e, prostrando-se, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

Os Magos e os pastores nos ensinam como havemos de atender aos avisos do Ceu. Tanto uns quanto outros obedeceram prontamente, sem se queixar de dificuldades . . . Os Magos eram reis e não hesitaram em deixar seu bem-estar para fazer uma viagem pensosa e longa, unicamente para conhecer Jesus. E logo elles O adoraram. Adorar a Deus — quer dizer reconhecer que só Deus é o Senhor de todas as cousas e que nós sem Ele nada poderemos. *Só Deus merece adoração.*

Dogma

Quando Deus deu a Moisés a sua Lei, collocou este mandamento em primeiro lugar e assim disse: "Adorarás um só Deus e O amarás sobre todas as cousas".

O segundo mandamento ensina ainda uma outra obrigação da creatura para com seu Criador, e

é este: Não pronunciarás o Santo Nome de Deus em vão.

Lembram-se do que lhes foi ensinado a respeito do nome de Jesus. . .

O terceiro mandamento manda que nos domingos e nos dias



santificados rezemos e pratiquemos a piedade para honrar a Deus — e o mandamento é este: Guardar domingos e festas.

Estes três mandamentos foram gravados numa pedra e entregues a Moisés no alto do monte Sinai.

Numa outra pedra Deus gravou mais 7 mandamentos que ensinam as nossas obrigações para com nosso próximo. Esses mandamentos aprenderemos mais tarde.

O exemplo dos magos

Por hoje é preciso que conservem bem o exemplo dos Magos que vieram de muito longe até encontrar Belém, onde adonaram, humildes, o verdadeiro Deus, e que se lembrem de nossos deveres para com Deus que tudo nos deu!

9.ª LIÇÃO

Herodes. — Deus castiga os máis. a vida eterna.

Narrativa Evangelica

Um anjo avisou aos Magos que não voltassem a ter com Herodes; então eles se foram para seu país por outro caminho.

Herodes, percebendo que os Magos o tinham enganado, ficou com muita raiva e mandou matar todos os meninos, de Belém e de seus arredores, que tinham menos de 2 anos, conforme o tempo que os Magos lhe tinha indicado. (São Mateus. Cap. II).

Não é de admirar que Herodes tivesse dado uma ordem tão cruel, pois ele era muito malvado; já tinha assassinado a própria esposa e mandado estrangular dois de seus filhos. Era um verdadeiro monstro!

Em Herodes vemos um dos exemplos mais tristes da creatura que faz pouco caso da graça de Deus.

Se ele tivesse de boa fé falado aos Magos e tivesse ido adorar Jesus, provavelmente se teria arrependido e seria um bom rei.

Mas desprezou a ocasião que Deus lhe ofereceu para se salvar e foi cada vez cometendo pecados maiores.

Dogma

Já sabemos que o pecado é uma desobediência à Lei de Deus. Quando a pessoa desobedece à Lei de Deus, de livre vontade, e a desobediência é grave e a pes-

soa sabe disso, o pecado se chama mortal.

Se uma pessoa morre em estado de pecado mortal, não pôde ir para o Céu; irá para o inferno.

A teimosia em pecar, apesar de avisos salutares que Deus nos mande, apesar de graças que Ele nos conceda, é um dos maiores males que a creatura pôde cometer. Para que Deus *perdoe* nossos pecados é indispensável que tenhamos arrependimento do mal que fizemos.

Pratica piedosa

Rezem sempre ao nosso Anjo da Guarda para que Ele não nos deixe perder os momentos de graça que Deus quiser proporcionar à nossa alma afim de alcançarmos a Vida Eterna.

10.ª LIÇÃO

Fuga para o Egito. São José. Modelo de confiança em Deus. (Mostrar no mapa onde fica o Egito).

Narrativa evangelica

Depois da partida dos Magos, um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: "Levante-te, toma o Menino e sua Mãe, foge para o Egito e fica lá até que te avise, porque Herodes vai procurar o menino para O mandar matar". José levantou-se, tomou o menino e sua Mãe, e de noite mesmo partiu para o Egito. Ai ficou até a morte de Herodes. (São Mateus. Cap. II).

O anjo se dirige a São José, porque ele era o chefe da Santa Família. Deus o tinha incumbido de tomar conta de Jesus e de Maria.

São José nesta oportunidade de sua vida nos dá um exemplo perfeito de obediência. Ouvindo a ordem do anjo, São José poderia

ter objetado que era noite para sair, podia ter alegado uma porção de dificuldades para deixar assim de momento a sua patria e fugir para tão longe. Mas nada disso fez o Santo. O Evangelho diz que de noite mesmo partiram. . .

A obediência de São José foi imediata e completa.

Moral

E' assim tambem que nós devemos proceder.

Quando os nossos superiores, Pais ou Mestres, nos derem alguma ordem, devemos atender prontamente, sem resmungar e de boa vontade. O que de ordinario



nossos superiores nos mandam fazer é muito mais facil do que a ordem que o Anjo deu a São José.

São José, modelo de obediência, rogai por nós!

11.ª LIÇÃO

Os Santos Inocentes. — O primeiro sangue que correu por Jesus.

Narrativa evangelica

"Então se cumpriu o que o profeta Jeremias havia dito: "Uma

voz se fez ouvir; eram queixas e gritos de lamentação. Raquel chora seus filhos e não aceita consolo, porque não existem mais". (São Mateus. Cap. II).

Jesus, que veio ao mundo para derramar seu sangue pelos pecadores, foi poupado à fúria de Herodes pelo sangue das crianças.

Não se sabe quantas morreram naquele dia de perseguição. Entretanto sabemos que a Igreja as considera Santas e até hoje as venera, tendo marcado no seu calendário o dia dos S. S. Inocentes (28 de dezembro).

Moral — Os martires derramaram o sangue pela fé de Deus

Mais tarde, depois da morte de Jesus, foram também sacrificadas milhares de criaturas, unicamente por terem acreditado que Jesus é Deus e não terem querido renegar as verdades que Ele mesmo ensinou. Foram os martires.

As verdades principais da nossa Religião estão contidas no Credo, que começaremos hoje a aprender. O Credo foi composto pelos apóstolos antes de se separarem.

Devemos dizer essa oração todos os dias, com muita atenção, para que a graça de Deus não permita nunca que façamos pouco caso das verdades que ela contém. Credo!

NOTA — (Ensinar-se-á o Credo).

12.ª LIÇÃO

Traçar no quadro negro um ligeiro esquema da Palestina. Mostrar que a Galiléia é a província que fica no norte do país. Comparar com a situação da Judéa. Localizar Nazaré. Indicar o Egito.

Depois da morte de Herodes, o anjo do Senhor apareceu a José

na terra do Egito e lhe disse: "Levanta-te; toma o Menino e sua Mãe e volta para o país de Israel, pois os que o queriam matar já não vivem. José levantou-se, tomou o menino e sua Mãe e voltou para o país de Israel. (São Mateus). Cap. II). Foi para a Galiléia e fixou novamente a residência na cidade de Nazaré.

O exílio no Egito foi curto. São José guiava a pequena caravana, e Maria, montada num burrinho, trazia ao colo seu Divino Jesus.

Pensando o pouco nesta passagem do Evangelho, tão simples, encontramos um ensinamento que não podemos desprezar.



Dogma — Divindade de Jesus

Jesus é Deus. Seu poder é infinito; poderia, se quisesse, alterar todas as leis da natureza para sua comodidade; entretanto, não quis proceder assim.

Sujeitou-se a ser criança, a ficar na dependência absoluta de outros, para ser levado para cá ou para lá, tão igual às outras crianças, que ninguém poderia adivinhar que Ele tinha também a natureza divina! Para que se

13.ª LIÇÃO

O altar — Berço fríido de Jesus. Evangelho

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós".

Estas palavras foram escritas por São João Evangelista, que foi o discípulo predileto de Jesus!

Hoje ainda, minhas crianças, o "Verbo de Deus" habita entre nós.

Dogma

O Verbo de Deus é a 2.ª Pessoa da S. S. Trindade; Nosso Senhor Jesus Christo é o Verbo de Deus que tomou a natureza humana para nos salvar.

Jesus viveu 33 anos neste mundo; trabalhou como simples car-



seitou Jesus a isso? — Para que aprendamos com Ele a ser humildes.

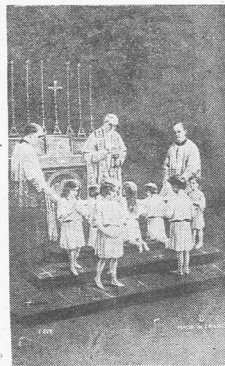
Jesus — Exemplo de humildade

Jesus, que é Deus, esconde suas perfeições; aprendamos dele a modestia e, em vez de nos vangloriarmos do bem que possamos fazer, pensemos que, sem a Graça misericordiosa de Jesus, nada, nada conseguiríamos.

Santa Teresinha achava um encanto particular em pensar na Santa Infância de Jesus e gostava de oferecer seus sacrifícios como se fossem flores ao menino Jesus.

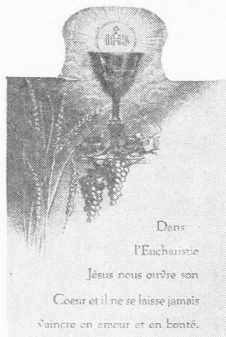
Pratica piedosa

Jesus, meu Deus humilde, ensina-me a praticar essa virtude.



pinteiro, humildemente, e ensinou aos homens o caminho do Céu; sofreu e morreu na Cruz por nosso amor!

Hoje ainda e cada dia, até ao fim do mundo, Deus habitará en-



tre nós como no presepe de Belém. Mas como? Onde?

Reparem, quando forem à missa aos domingos, que, depois que se toca a campainha 3 vezes, há um momento de profundo silêncio! O Padre se inclina sobre o altar, todos ficam muito recolhidos. . . e, depois, o Sacerdote ergue bem alto a Hostia branca.

A transubstanciação

Que se passa nesse momento sobre o altar? Um milagre imenso, minhas crianças! *O sacerdote*

pronuncia sobre o pão estas palavras: "Isto é meu corpo", e sobre o vinho diz: "Isto é meu sangue". Nesse momento o pão e o vinho deixam de ser pão, deixam de ser vinho; são N. Senhor Jesus Cristo!

Essas palavras pronunciadas pelo sacerdote operam mudança tão miraculosa, porque Jesus assim o determinou.

Esse momento sublime da missa chama-se a Consagração. E Jesus vive sobre o altar frio, como no presepe humilde de Belém!

Ai Ele pede a Deus por nós e se sacrifica novamente para alcançar as graças de que precisamos. Por isso, a missa é a melhor de todas as orações, e temos obrigação de ouvi-la todos os domingos e dias santos, *sob pena de cometer pecado mortal*. Nos outros dias da semana, a Igreja não exige que se vá à Missa; mas temos obrigação de rezar de manhã e de noite para agradecer e pedir a Deus tudo que necessitamos para alcançar o Céu.

Moral

Não se esqueçam nunca das verdades que aprenderam hoje! Pelo poder das palavras que Jesus ensinou, o sacerdote, no momento da consagração na missa, faz com que o Pão e o Vinho mudem a sua substancia na da Pessoa Adorável de Jesus.

Aproveitem os momentos da missa para adorar a Jesus-Hostia como o fizeram outrora os Pastores diante do presepe frio de Belém.

Respeito! Silêncio! . . .

(Continúa)

DR. OVIDIO DECROLY

A 12 de setembro findo ocorreu em Bruxelas o falecimento do dr. Decroly. Essa noticia deve enlutar a todos os amigos da escola e da infancia e a todos os que militam na benemerita cruzada da educação nova.

Segundo P. Bovet num recrológico escrito para a revista "L'Éducateur", Decroly escreveu pouco e não deixou nenhuma grande obra. A que éle publicou com Buyse na Coleção-Alcan é uma coleção de textos, que não tem muito de original.

Os dois pequenos volumes publicados na a coleção aludida illustram unicamente dois capitulos da sua obra.

Suas communições ás sociedades sabias e aos congressos versam sobre pontos de detalhe. Se Decroly não era escritor, não era tambem orador. Era um homem de acção, um pensador — porque éle foi um pensador e até um inventor — cujas vistas theoricas se realizavam immediatamente na pratica.

Sam sobre pontos de detalhe. Se Decroly não era escritor, não era tambem orador. Era um homem de acção, um pensador — porque éle foi um pensador e até um inventor — cujas vistas theoricas se realizavam immediatamente na pratica.

Pregou com o exemplo: mostrou o que se podia fazer, o que cumpria fazer, pelo que fazia éle proprio. Milhares de homens e mulheres de todos os países hauriram dele idéas e uma inspiração que lhes fecundou as obras.

A influencia de Decroly figura entre as mais extensas exercidas pela escola hodierna, a julgar pelo que devemos, na Suissa,

a Melle. Descoedres. Não cabe expôr aqui o que éle fez pela educação dos anormais, a principio, e para a dos normais, mais, depois. Um artigo não seria sufficiente para isso.

O nome de Decroly está ligado principalmente a estes três lemas: jogos educativos, centro de interesse e globalização.

Jogos educativos para o desenvolvimento da intelligencia pela attenção, Como Itard, foi vidade motriz.

ocupando-se das crianças retardadas que, Decroly descobriu a imensa importancia dos exercicios de identificação, de reconhecimento, de classificação para o desenvolvimento gradual da facultade de abstracção.

Alargada e transportada, a mesma idéa se mostrou fecunda em todos os dominios. Applicaram-na não só á aprendizagem da leitura e do calculo, mas á da eografía,



da historia, á das linguas estrangeiras. E é licito afirmar que ainda não esgotamos o filão posto em valor por Decroly.

Centro de interesse: Certamente não foi Decroly o seu inventor; e sobre o assunto poderia escrever-se um belo capítulo da pedagogia, no qual os Herbartianos occupariam o primeiro plano. A invenção de Decroly nesse dominio consistiu em achar centros de interesse de alguma forma permanentes, porque fundados sobre as necessidades da criança. Essas necessidades, coincidindo com as da humanidade (a gente precisa alimentar-se, vestir-se, abrigar-se em casas, proteger-se contra os inimigos etc.) sugerem, de uma parte, associações "no tempo" e "no espaço", que estendem os interesses dos escolares a todas as épocas e a todos os países; de outra parte, uma gradação natural que permite estabelecer programas muito completos, que correspondam ás exigencias tradicionais da escola.

NOSSA EXPERIENCIA

A ESCOLA ATIVA EM ITANHANDU

Eu era das que não podiam crer na eficiencia do ensino pela "escola ativa", considerando as condições atuais do ensino. Achava quasi nulo o esforço que se vem empregando quotidianamente com o fim de tornar, entre nós, realidade o que já é o em outros países ha longo tempo.

Como eu, talvez possa existir ainda quem assim pense e, por isso, cumpro um dever trazendo ao conhecimento de minhas colegas

Tendo em grande conta a necessidade de expressão da criança (pela palavra, pelo desenho, pela escrita, pelas atividades manuais e construtivas) Decroly aparelhou um metodo completo que muito respeita as tendencias espontaneas da criança e sem nada de revolucionario, entretanto, nas suas atitudes.

Globalização, finalmente. Aqui (com precusores, sem duvida) Decroly operou, na pratica secular dos ensinamentos fundamentais, uma verdadeira revolução.

Ha cerca de vinte e cinco seculos que a criança aprendia, a principio as letras, depois as silabas, para chegar ás palavras e ás frases. "Mudamos tudo isso", graças ás observações feitas por Decroly acerca da percepção dos anormais. As crianças percebem o conjunto antes do detalhe, o todo antes da parte.

Não há exagero em dizer que deploramos hoje, no desaparecimento de Decroly, a perda de um beneficor da infancia e da humanidade.

alguns pormenores colhidos em minha classe.

Trabalhando sob a direção técnica da professora d. Aida B. Coelho, comecei a aplicar os principios pedagogicos por ela aconselhados e confesso que fiquei surpreendida com o resultado em minha classe. Meus alunos progredem a olhos vistos, e a disciplina, estabelecida naturalmente, nada deixa a desejar. E' com prazer que entro para minha

sala de aula, onde cada aluno se me assemelha a um amiguinho sincero. Todos procuram auxiliar-me, e o que é melhor, estão possuidos de verdadeiro entusiasmo pelo saber, tudo indagando, tudo estudando, e pedindo-me explicações tão oportunas como nunca más fizera aluno algum. Ha uma passagem que de-sejo assinalar em referencia ao "Diario" que reputo de grande influencia no moral da criança: Uma aluna apresentou-me seu diario; rezava assim: "Dia 15 de agosto — Hoje foi um dia feliz para mim: a tia Martha entregou-me um cachinho dos meus cabelos, cortado quando eu era bem pequena, e contou-me a historia desse anelzinho amarelo que de hoje em diante ficará guardado junto com o que mais quero".

Interroguei a menina, e ella, com verdadeiro sentimento, me revelou uma dessas encantadoras

passagens da nossa infancia em que nosa perallice nos transforma em anjo-demonio do lar. A classe ouviu, atenta, a narração da coleguinha e notei que algumas crianças a escutavam bem comovidas.

Poderia eu esperar dessas crianças tanto sentimento, tanta compreensão dos misterios da alma?

Como se vê, ha um largo horizonte que se expande diante da professora, acenando-lhe para o progresso e aperfeiçoamento de seus métodos. Saiba a professora trilhar esse caminho, embora ás vezes se lhe deparem magoadores acantís, e conseguirá amoldar o caráter da juventude para resurgimento da estremeçada Patria, como a sonhamos todos — bela e grandiosa!

Itanhandu', Agosto de 1932. —
Else Bittencourt.

NOTAS E COMENTARIOS

MOTIVAR E CORRIGIR

Os "projéto"s constituem uma fonte variada de motivações para o estudo das diversas materias do programa, oferecendo ao mesmo tempo oportunidades reais para o desenvolvimento dos alunos, como se póde verificar mesmo nos pequenos ensaios realizados entre nós.

Para não citar outros valores, basta lembrar o desenvolvimento da linguagem. São inumeros os motivos que oferece para o treino da composição, por exemplo. Ora é

uma das classes de terceiro ano do grupo escolar "Felipe dos Santos" que solicita do sr. Jorge Zerrenner, proprietario de uma fabrica de laticínios, permissão para ai realizar uma visita, endereçando-lhe uma carta nesse sentido; ora são os alunos do grupo "Coronel José Braz" que se dirigem por escrito a diversos livreiros, pedindo catalogos; são depois os alunos do grupo "Raul Soares", que redigem anuncios e reclames para a fabrica de artefatos de

couro, que visitaram; e são ainda as crianças encarregadas da organização de um auditorio, que enviam convites ás professoras; são motivos perfeitamente reais, como se vê.

A identificação do aluno e seus interesses devem existir realmente, e por isso mesmo, a correção dos erros se fará com maior eficiencia. Não deveriam esses trabalhos sofrer um exame, do qual participassem os alunos, para só depois, expurgados das faltas mais graves, serem enviados ao seu destino?

Póde acontecer que uma professora, no louvavel intuito de respeitar o trabalho das crianças aceite como bom o original tal como saiu das mãos do aluno, ás vezes cheio de erros, para enviá-lo assim ao seu destino. Perde deste modo a professora uma boa oportunidade para fazer, com os alunos, um trabalho de correção, dando á classe con-

ciencia do erro, numa situação real de interesse e de responsabilidade.

Em um convite, por exemplo, podemos aceitar o desenho que a criança entendeu de fazer ao lado ou ao alto da pagina; devemos respeitar o seu estilo, (sem nos esquecermos das oportunidades para encaminhar o seu aprimoramento); mas não parece razoavel sejam conservados os erros graves de ortografia, por exemplo, ou os de sintaxe.

Quando Deus creava o mundo, contemplava, ao fim de cada dia, a sua obra e via "que era tudo muito bom". Não estaria aqui um exemplo para a professora, que procuraria levar o aluno a uma satisfação completa, diante do trabalho de cada dia, porque o realizou com amor e com o esforço de que foi capaz para fazer uma obra tão perfeita quanto lhe era possivel?

A. M. M.

DAQUÍ E DALÍ

COMO SE ENSINA ANÁLISE LEXICA

A MINHA CONFERENCIA é um trabalho elementarissimo sobre o assunto que a epigrafa e na qual procurei coordenar o produto da minha experiencia de professor e algo do que tenho lido sobre o assunto.

Partimos, na análise lexica, do seguinte principio, que reputamos cardeal no assunto: — as palavras ou são flexivas ou inflexivas.

Será esta a regra que norteará sempre o aluno no estudo da análise lexica.

Sempre que se lhe depare uma palavra para análise, seja o seu primeiro cuidado o de verificação se se trata de uma palavra variavel ou invariavel. Mas, é claro e é intuitivo que a noção de palavra flexiva só poderá ser dada á criança de modo objetivo e concreto; mostrando-lhe, por exemplo, uma série de frases deste tipo:

Um livro de historia
Dois livros de historias
Um boi
Dois bois
Eu tenho um livro
Eu e meu irmão (nós) temos um livro
Eu cantei
Nós cantamos

Não se tenha pressa no andar em materia de ensino. Ao contrario, é preciso caminhar vagarosamente e com segurança, para não ser preciso, com perda de tempo, retornar sobre os proprios passos.

Depois de muito exercicio, a respeito da flexibilidade das palavras e o professor, com muito proveito poderá lançar mão aqui das caixas de análise, a que se refere Clotilde Gul-len de Rezzano, no seu interessante livro "Los centros de interés en la Escuela"; porque é preciso que se note que a palavra é, para a criança, simples abstração, que precisa ser vivida, corporificada e concretizada, para só assim ser assimilada a seu incipiente patrimonio mental; só depois, então, de muito exercicio é que o professor poderá conversar com a classe sobre o substantivo, definindo-o:

"Substantivo é tudo quanto existe".

E, começando pela sala de aula, o professor encontrará um vasto campo para exercicio, a respeito, com seus alunos.

A carteira, o quadro-negro, o mapa, o lapis, o professor, o aluno, a janela, a porta, a mesa, o tinteiro, a tinta, etc. todos estes substantivos deverão ser classificados pelos alunos, mostrando-se-lhes concomitantemente que o substantivo é sempre uma palavra flexiva.

Porque se póde dizer: — uma carteira — duas carteiras — a mesa — as mesas — o tinteiro — os tinteiros — a janela — as janelas.

A noção de substantivo irá se alastrando e tomando maior fixidez, à proporção que a criança aumente o seu vocabulário. E o caso do emprego constante do dicionário, das excursões, do cinema, das palestras, etc.

Porque — pergunto eu — como uma criança analisará, por exemplo, as palavras seguintes ?

— Agerasia — alpondras — atilos — aderno — agave — alcandor, que colhi no meu caderno de notas de leitura a Coelho Netto ?

Como analisará, se a criança não sabe a significação dessas palavras.

Isto mostra, primeiro, a necessidade do enriquecimento constante do vocabulário; segundo, a não menor necessidade de gradação dos exercícios, e a impossibilidade de a criança analisar vocabulo, de que não conheça, com exatidão, o sentido e a significação.

Mas — perguntemos à classe — se substantivo é tudo quanto existe o lobishomem será substantivo ? E a mula sem cabeça ? E o caei, que nosso caboco diz que ronda a casa em que ha criança sem batismo ?

— Valhamo-nos da duvida que a pergunta cria no espirito da criança, para completar a definição anterior, dizendo:

“Substantivo é tudo quanto existe na realidade e na imaginação; mesmo na imaginação dos bobos e dos idiotas”.

Do substantivo passamos ao verbo. Verbo é a palavra, que se conjuga. Eis o modo pratico de ensino e perfeitamente acessível ao espirito da criança.

Já é tempo, então, de se formarem pequenas frases para adestramento e exercício do aluno.

São recomendáveis também os exercícios desta natureza, em que o professor formule frases sem verbo para o aluno colocá-los no lugar das reticencias.

Exemplo: O menino... para o Colegio;
A professora... a lição de Geografia, a de Aritmetica e a de Língua Patria.

Depois, no recreio, o menino... a merenda, que... de casa.

Esses exercícios poderão ser e devem ser mesmo repetidos e muito variados.

Não se esqueça o professor de, por exemplos adequados, mostrar que o verbo é a palavra variável, por excellencia.

Conhecido o verbo e o substantivo, o aluno passará ao estudo do adjetivo qualificativo, convindo, a proposito, a formação de frases.

O professor poderá mesmo, como ponto de partida, como subsidio de estudo posterior, dar ao aluno, para decoraçao e organização de frases, uma série de qualificativos.

“Bonito, alegre, triste, alto, baixo, magro, gordo, feio,

etc.

Só depois de sucessivos exercícios é que virá a noção de que “adjetivo é a palavra que vem junto de um substantivo”.

Desta definição, terá o aluno meio e recurso de extremar o adjetivo do pronome. Vem junto do nome, é adjetivo.

Conhecido bem o qualificativo, o aluno passará aos determinativos, sendo necessaria, aqui, a decoraçao dos possessivos, dos demonstrativos, dos articulares, dos indefinidos e a idéa de numerais.

A proposito, do estudo de cada uma dessas categorias, não se esqueça o professor de insistir na demonstração de que

São palavras — o verbo — Variaveis — o substantivo ou o adjetivo — e flexivas o pronome.

Preparado o aluno nesta parte da analise, é tempo de fazê-lo conhecedor das invariáveis, que são, como é sabido: a *interjeição*, a *preposição*, o *adverbio* e a *conjunção*.

Praticamente e rapidamente o aluno conhecerá as interjeições.

Interjeição é a palavra invariável, que tem depois de si um ponto de admiração. Arre ! Olá ! Psiu ! Ai ! etc.

Da interjeição vai-se á preposição.

Como conhecê-las ?

Decorando-se a tabela das preposições simples, que são apenas 24. Duas duzias.

Resta-nos: o adverbio e a conjunção.

— Como distinguir, o primeiro da segunda ?

— Facilmente também.

Adverbio é uma palavra invariável, que tem conteúdo; enquanto que a conjunção é uma palavra óca, vazia, insignificativa. Exemplo:

Hoje — o dia que passa.
 Ontem — o dia anterior a hoje.
 Aqui — o lugar onde estou.
 Perfeitamente — com perfeição.

Ao contrario do adverbio, a conjunção é insignificativa.

Porque, mas, ao passo que, todavia, e, nem, ou, são palavras que, tomadas isoladamente, não têm significação alguma. São conjunções.

Isto posto, estabeleçamos para analise, o roteiro seguinte:

Sempre que o aluno tiver de analisar uma palavra, deverá primeiro ver se se trata de uma palavra variavel ou invariavel.

Se a palavra é variavel, veja primeiro se é *substantivos*; não o sendo, verifique se é *verbo*; se não fôr verbo, será adjetivo ou pronome; distinguindo-se o primeiro do segundo, como já vimos, por vir sempre de um nome, isto é, de um substantivo.

Se fôr invariavel a palavra em apreço, veja-se primeiro se é interjeição; depois se é preposição, ou se é adverbio; que, se não o fôr, obrigatoriamente será conjunção.

Distinguindo-se o adverbio da conjunção, dissemos — que o adverbio tem conteúdo, ao passo que a conjunção é palavra ôca, insignificativa.

Retrucarão — mas o adverbio de negação, o de afirmação, o de duvida tambem não têm conteúdo.

E realmente que é que significa, em si a palavra sim? a palavra não? a palavra talvez? classificadas pelos gramaticos como adverbios?!

Nada significam verdadeiramente; mas, por isto mesmo é que não as classificamos como adverbios, preferindo á velha e insufficiente taxonomia — a classificação mais racional e mais razoavel, proposta, pelo professor Oiticica, do Colegio Pedro II, no seu livro assás interessante — Manual de Analise Lexica e Sintática.

Tais palavras seriam classificadas como *denotativas*.

O adverbio é palavra que indica circunstancia. E, não logro perceber onde haja circunstancia, onde haja modificação do verbo, na afirmação ou na negação. Na frase: "Você

vai ao Mercado? — vou, sim", não vejo na palavra sim, a minima circunstancia; e, se responde *não*, muito menos.

São palavras do prof. Oiticica, no seu citado livro, pag. 31.

Realmente é preciso muita gramatica para descobrir circunstancias nos chamados adverbios de negação, de duvida, de exclusão e de afirmação.

Eis, meus colegas, o que tenho a dizer nesta conferencias para as alunas do curso de applicação.

(a.) *Raul Apocalypse*.

(Transcrito da "Revista da Escola Normal de Ouro-Fino").

PELA LIBERTAÇÃO DAS CRIANÇAS

Todas as classes têm seus advogados, provindos, ás vezes de suas proprias fileiras, sendo, por isso mesmo, mais pugnazes na combatividade reivindicatoria.

Só as crianças é que não podem propugnar sua causa desamparada.

Tudo e todos conspiram contra elas, num concerto universal.

Em verdade, nada no mundo exterior é feito de acôrdo com as possibilidades, com a vida, com os gostos infantis. Nada. Ao contrario. A hostilidade, que as cerca e oprime, assume feição onimoda.

A finalidade dessa guerra obscura das coisas e dos seres circundantes é apagar-lhes a espontaneidade, o caracter, a alegria de viver. Indubitavelmente. Assim é que, em casa, os pais não perdem ensejo de apoquentá-las com repriminasções transcendentales, cujo espirito transpira moralidade quimerica, que elles são os primeiros a transgredir, pondo-as, portanto, perplexas diante da doutrina, que lhes é confusão, e do exemplo, que aberra da doutrina.

Completo atordoamento!

Além disso são os objétoes em proporções tais que lhes dificultam o exercicio dos atos mais primitivos da existencia, como lavar-se, sentar, comer, dormir, vestir-se e outros desse teor.

As conversas travadas no seio familiar versam em regra sobre assuntos, cuja natureza e alcance lhes superam a capacidade comprehensiva.

Tratam de coisas absurdas, tratam de pessoas desinteressantes.

As perguntas, nascidas irrefreavelmente de sua curiosidade muita vez angustiada, têm respostas asperas ou inexplicáveis, que aumentam ainda mais, aquele sentimento de inferioridade, indicada pelo professor Claparède, como sendo constante na alma infantil.

Se se entregam á necessidade de brincar, sentem logo a neurastenia paterna, á qual é insuportavel todo e qualquer barulho.

A vida social é-lhes inteiramente defesa, limitando-se, quando muito, ao commercio furtivo com os companheiros vizinhos, tambem, por seu turno, cereceados inteiramente no uso e gozo da liberdade.

Coisa alguma lhes pertence, e, estando na época ávida de tudo que lhes aguça a cobiça, nada podem obter de quanto desejam.

O ar a que têm jús lhes é roubado. Aliás, a espoliação começa do principio. Logo que nascem, são esbulhadas das coisas vitais, com uniformidade imperturbavel.

Um dos direitos fundamentais, na comunhão social, é o de propriedade. Pois nem este reconhecemos á criança. E roubar a propriedade aos pequenos, disse Montessori que não é mais um crime: — é um luxo.

E pondera: — "Que propriedade é mais sagrada para o filho que o leite materno? Sobre tal legitimidade, não há duvida alguma. Seu unico capital, o leite, veiu ao mundo com ele e por causa dele. Ahí está toda sua riqueza. A força de viver, de crescer, de adquirir vigor, está inteiramente nesta nutrição".

Pois bem: — a criança é, quasi sempre, esbulhada desse direito *sui-generis*, que lhe é tão consubstancial, que nasce só para ela.

Ninguém a poderá indenizar de tal prejuizo.

Acontece mais. Caso muito comum, tambem apontado por aquela educadora: — ha certas mães, que, podendo aleitar os filhos, exigem amas, o que significa que um pobrezinho é roubado pela propria progenitora, em favo de outro, simplesmente por dinheiro.

Em nome de que principio a mãe poderá deixar de amamentar o filho, para nutrir o de outra mulher? ! E dizer que essa monstruosidade é quasi uma profissão!

Só as mães doentes e materialmente impossibilitadas de aleitar estão isentas desse seu officio natural e de alcance incalculavel.

Saídas, desta primeira fase, principiam para as crianças os supplicios exteriores. Não lhes ensinamos a fazer coisa alguma: — vestimo-las, banhamo-las, deitamo-las, alimentamo-las o que tudo determina, em sua natureza o habito de insegurança e fragilidade, como tambem o de escravidão.

Servidas por nós, tornam-se nossas escravas. Incutim-lhes, deste feito, a impressão de dependencia completa.

Mais crescidas, sofrem, então, a maior tortura que nos passa despercebida, mas, nem por isso, deixa de ser a mais suffocante: — a falta de ambiente intelectual.

Vivem no mais árido isolamento. Não podem sentir, não podem pensar, não podem agir, não podem viver infantilmente.

A verdade, ei-la aqui: — para poder existir, a criança tem que ser homem. Não há logar para ela na sociedade.

Como criança, vendo e sentindo como criança, a existencia lhe é de todo em todo impossivel.

Discorrem-lhe os dias debaixo da mais terrivel sujeição, tanto mais apertada, quanto não tem possibilidade de quebrar-lhe as cadeias.

Basta frisar que o cereciamento padecido por ela lhe desvirtua a personalidade.

— Criança não tem querer, exclamam os pais, a todo momento.

— Tolice! Devia ser justamente o contrario. E' que, quanto mais se é criança, mais desejos se alimentam.

Quando começamos a envelhecer, isso sim, é que nos vamos libertando das aspirações.

A criança, não. A criança quer tudo, deseja tudo, pede tudo. E, em tudo, é contrariada.

Suporta todas as apoquentações, porque não tem passado nem futuro, quer dizer — *só vive o momento presente*. Esquece todos os aborrecimentos. Não sabe prever.

Por essas razões é que se sente feliz em meio de todas as suas infelicidades diarias.

Tal orientação absolutista tira o fundamento, a todo ponto nefasto, do principio de autoridade. O principio de autoridade só tem razão de ser, quando é centrífugo, quando parte de dentro para fóra. E' preciso que seja expressão da consciencia de quem o admite.

Mas, não. Não entendemos assim. Impomo-lo. Esse pendor está, intimamente, em nossa indole, uma de cujas mais perseverantes significações sociais é a intransigencia.

Esta, em outros tempos, levava á fogueira. Hoje conduz os homens a se trucidarem coletivamente, ou a se odiarem individualmente. Diferença de fim. A natureza, e talvez o vigor do sentimento, são os mesmos.

A vítima indefesa desse espirito de conservantismo é a criança.

A fôrma mais agressiva que reveste, é a figura dos pais. Depois, a do professor.

Creio não queremos abolir a autoridade natural de ambos. O que acentuamos é o máo uso geral dela. E' sua feição recriminativa, domadora, inquebrantavel. A brutalidade com que se virtualiza. E por isso é entendido, tambem, não só o amor mal exercitado, como a incompreensão, por parte de um e outro, da psicologia infantil.

A tal respeito a verdade estaria no aforismo espirituoso, exposto por um conhecedor do assunto: — "Se fosse possível, deveríamos ser judiciosos na escolha de nossos pais e de nossos mestres".

Da exatidão dessas observações corriqueiras, colhemos a prova no fato, bastante curial, de que os deserdados da sorte muita vez triunfam de modo ostensivo, como, tambem, por outro lado, os homens de genio, na idade infantil, se mostram ináptos a assimilar o ensino official.

Esta é a opinião de Ostwald que devia entender um pouco da questão.

Em resumo: — pelas considerações já feitas, por muitas outras, perceptíveis a toda gente, o que se verifica é a urgencia e a justiça de se reivindicarem os direitos indeclináveis das crianças. Elas não possuem os instrumentos indispensáveis á campanha de sua libertação.

Não têm, até, conciencia de sua escravidão tão injusta, quanto inmemorial.

Cumpra, pois, aos homens de boa vontade libertá-las.

O caminho é a revolução pacifica de esclarecer os pais e os professores quanto á verdade dessa escravidão antiga, automatica e egoista, da força sobre a fraqueza, da força sobre a fraqueza ingenua e inerme das crianças.

Os soldados de tal campanha precisam do heroismo da paciencia e das armas da perseverança nos prelhos da palavra escrita e falada.

MARIO MATTOS.

(Ex-diretor da Escola Normal "Manoel Gonçalves, de Itaguá).

PESTALOZZI

Conta-se que Pestalozzi desejava reunir o maior numero possível de crianças retardadas de espirito e de corpo, para mostrar a excelencia do seu metodo. E' verdade que as crianças retardadas lhe retribuem esta simpatia: sua vida figurou entre as historias mais apreciadas. Por ocasião do centenário, em 1927, depois, mais recentemente, eu a contei a algumas crianças, e foi com as suas narrativas livres, apenas corrigido quanto á ortografia, que compus a biografia que se segue. Não julgais vêr o bom Pestalozzi sorrir durante essa narrativa ingenua, tão viva, tão colorida algumas vezes? Admira que crianças retardadas possam achar, para exprimirem o que ouviram, formulas tão lapidares, tão originaes, guardando ao mesmo tempo o sentido e a impressão da narrativa!

A VIDA DE PESTALOZZI CONTADA POR MENINOS RETARDADOS DE 9 A 13 ANOS

Ontem a professora nos contou a historia de Pestalozzi: a historia vai começar:


Infancia. — Uma familia de oculista habitava o Tessin, e partiram para residir em Zurich, onde nasceu o pequeno Henrique Pestalozzi. O pai não gostava de sua profissão; ia pescar, mas não cuidava de pôr o seus soldos a bom recato. Um belo dia êle caiu doente. Pestalozzi tinha 6 anos; seu papai sentiu vir a morte: então mandou via a boa Bâbel e lhe disse: "Você promete ficar sempre com minha mulher e meus filhos até que eles fiquem grandes? — Sim, eu vô-lo juro". E mais tarde, pediram-na em casamento, e ela disse: "Não, prometi ficar, eu fico". E ficou até á idade de 70 anos, com a sua mulher e seus filhos. Ela proibia ás crianças brigarem e puxarem-se pela roupa, porque isto a rasgava; quando Pestalozzi voltava da escola, ela o fazia trocar a roupa nova pela velha; e, quando ela ia ao mercado, dizia: "Irei mais tarde para comprar mais barato".

Aos 5 anos, Henrique começou a ir á escola. Ele era tímido; não aprendia muito: quando o trabalho lhe agradava êle trabalhava, e quando o trabalho não lhe agradava, êle não trabalhava. Acreditava em tudo o que lhe diziam; quando lhe diziam: "Vá buscar os tinteiros..", êle ia, e, *mesmo que fosse mentira*, acreditava em tudo. Por isso caçoavam dele.

Mas, um dia, estavam eles todos prontos para escrever; de repente houve um tremor de terra: correm todos para longe com o professor. Logo depois cada um deles queria ter as suas coisas: um me-

nino tinha frio. O professor perguntou: "Quem quer ir buscar a roupa?". As crianças todas disseram: "Eu, não! eu, não!". E Pestalozzi disse: "Eu cá quero ir!". Então as crianças disseram: "Como êle é corajoso! Não devemos caçar mais dele!". Outra vez, foi muito peor: Havia um cavallo furioso que dava coices: Henrique Pestalozzi montou nele e chegou a uma ponte sem tranqueira. O guarda per-

les enfants se moquaient de lui, alors il y
avait un tremblement de terre
et le maître avait dit: Qui est-ce qui veut
aller chercher les cahiers et les chapeaux



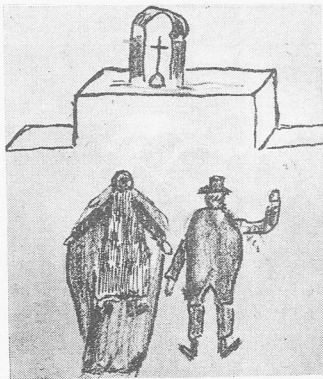
guntou-lhe: "Você se atreve a vir a esta ponte num cavallo fogoso?". E êle a atravessou. De novo disseram as crianças: "Não devemos mais caçar dele; êle é muito corajoso!". O Henriquinho gostava do campo e bem quisera ir lá, mas sua mãe era muito pobre. Felizmente, êle podia ir passar as suas férias em casa de seu avô, que era pastor de almas, nos arredores de Zurich. Ele brincava com as crianças da aldeia e gostava muito dos seus camaradas, porque estes sabiam dar assovios e fazer uma porção de brinquedos de páu que êle mesmo não sabia fazer. Quando chegou aos 12 anos, perguntou onde estavam os seus amigos: "Onde está o Julio? Onde está o Alfredo?". Respondiam-lhe que êles estavam na fabrica. A' hora da saída (6 horas) êle tornava a encontrá-los, muito palidos, muito tristes, muito magros; algumas vezes diziam: "Tenho dor nas costas". E Henrique lhes dizia: "Eu defenderei vocês, quando fôr grande. Quero tentar fazer leis para os proteger". E cumpriu a sua promessa.

Era uma vez um menino que bateu num gurizinho, e Pestalozzi saltou logo pela janela e mandou-lhe que se retirasse e deixasse o pequerrucho brincar tranquilamente.

Que profissão escolher? — Pestalozzi gostava de ler os livros de Jean Jacques Rousseau e dizia que é preciso viver no campo e resolver adotar a vida de camponês. Viu que seu avô tinha muito feno para ceifar; tomou a segadeira e pôs-se a trabalhar; mas não sabia ceifar e cortou-se todo nos dedos. Havia em Argovia um senhor que tinha uma grande fazenda com um grande campo. E o avô de Pestalozzi escreveu a esse senhor: "Dar-se-á que meu neto possa ir trabalhar para o sr.?"

O senhor lhe respondeu: "Sim, pôde". E êle o levou para que elle aprenda a trabalhar melhor. Depois, lá na fazenda êle se fazia estimado.

Noivado e casamento. — Pestalozzi tinha um amigo: Bluntschi; Bluntschi estava muito doente e era muito querido de todos. E Pestalozzi ia muitas vezes vêr o doente, e tambem Anna. Ana e Pestalozzi assim se fizeram conhecidos um do outro. Um dia em que els dois estavam perto de Bluntschi, este não podia respirar e abriu-

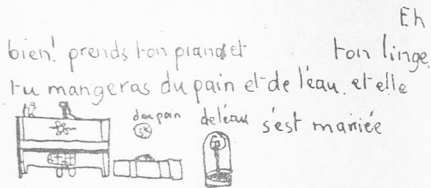


O CASAMENTO DE PESTALOZZI

Jorge M., 12 ½ anos.

se a janela, e êle poudo respirar melhor; mas, de repente, êle morreu. E Ana chorou e Pestalozzi, tambem; estavam muito tristes por verem o seu amigo morto. Pestalozzi disse: "eu gostaria muito de casar-me com a Ana"; mas Ana não pensava em casar-se. Depois êles escreveram cartas um para o outro. Pestalozzi lhe escrevia que êle não tinha muito capricho e que estava mal trajado. E Ana gostava de que o moço dissesse a verdade tal qual era. Mas os pais de Ana eram

muito ricos e, quando souberam que Ana queria casar-se com Pestalozzi, não quiserem deixar, porque este estava muito sujo, mal trajado e sem emprego. Mas, ela disse: "Sim, sim, eu quero casar com ele". Os



Léo, 10 ½ anos.

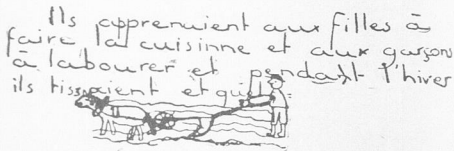
pais, por fim, lhe disseram: "Pois bem, se queres casar-te, toma o teu piano, tua roupa branca e comerás pão e água!" E eles se casaram (Ps. XI) e foram morar no cantão de Argovia, numa casinha onde o sol entrava por todos os lados.



Alf. M., 11 ½ anos.

E a velha mãe de Pestalozzi foi morar com eles.

Em Neuhof — Mais tarde eles construíram uma casa em Neuhof; havia grandes campos, e eles tratavam de ganhar a sua vida.



Alf. M., 11 ½ anos.

Tiveram um filhinho, que se chamava Jaqueli; e pediam a Deus que os ajudasse a educar o filho. Pestalozzi tinha receio de que seu filho

não fosse um homem gentil e disse consigo: "Babeli o ajudará bem!". Ele não sabia o que fazer, pois tinha muitas dívidas e pensava muito em todas essas crianças que vagavam pelas ruas; "há algumas que perderam os seus pais; não sabiam o que comer; então deviam roubar para poder comer". Uma vez ele viu uma menininha e disse-lhe: "Você quer vir comigo?" Um, dois, tres, depois havia



EM NEUHOF

Ol. C., 13 ½ anos.

cincoenta na sua casa. As meninas trabalhavam na cozinha; os meninos, no campo, e, no inverno, os meninos teciam. Mas isto custava muito caro. Ele foi indagar se lhe queriam enviar dinheiro todos os meses; durante algum tempo, aquilo marchou inteiramente só. (Quadro XII, fig. 1). Mas uma vez choveu pedra e houve más colheitas. Mas o dinheiro faltava sempre e tomavam-lhe pedaços de terra, e depois de lhe haverem tomado tudo, ele teve que despedir as crianças e ficou muito triste.

Pestalozzi escritor — Ana ficara doente, e foi para a casa de uma amiga, com Jaqueli, para se restabelecer.

Pestalozzi estava sempre triste; comia uma codea de pão que havia achado num campo e olhava muito as flores. Uma vez que ele voltava de Basileia, encontra atrás da sua porta uma senhorinha, Isabel Naef, que ouvira dizer que ele estava muito triste e vinha vê se podia ajudá-lo em alguma cousa: "Bom dia, senhorinha!" — Bom dia, meu senhor! venho tratar do seu jardim — Sim, senhorinha, obrigado! E eis Isabel Naef que toma uma cavadeira e vai ao jardim; ela revolve a terra e planta batatas, alhos, etc. E Pestalozzi se sente feliz; e ela arrumava a casa de Pestalozzi, e ele estava todo contente! Ela ficou trinta anos; ela era gentil.

Pestalozzi tinha um amigo em Basileia, Iselin; era um sábio. Este lhe deu uma boa idéia, disse-lhe: "Já que você não pode mais adotar crianças, ora bem! escreverá um livro para que se cuide melhor das criancinhas!" Pestalozzi disse: "Bravos, é uma idéia!" —

Ele ia aos cafés, mas não para beber alcool, escondia-se atrás do fôlego e escutava tranquilamente tudo o que julgava interessante. Tomava nota na margem de jornais velhos ou de velhas faturas. (X 300) Cometia erros; mas seu amigo de Basileia os corrigia e mandava imprimi-las. Foi assim que ele escreveu seu livro *Leonard et Gertrude*. Pestalozzi enviou esse livro para todos os países; e todos os estrangeiros compraram os livros e os leram; eles disseram que ele era sábio. Vieram à casa de Pestalozzi com cavalos e car-



ruagens; e cada vez que o viam, ele mascava sua gravata, e ele estava todo sujo! E quando as pessoas da cidade vinham vê-lo, caçoava-se delas: "Oh! os senhores se abalam para ver um homem tão sujo e tão mal vestido e tão pobre!". E as pessoas respondiam: "Ele escreveu um livro chamado *Leonard et Gertrude*". E outros que vinham da França, da Alemanha, da Austria, etc., diziam: "E' este velho Pestalozzi que fez aquele livro tão bonito?!"

Em Stanz. — Era uma vez os franceses que queriam tomar a Suíça e eles vieram por Genebra pelo Jura Bernês; e estiveram em Stanz para tomar um território, e incendiaram muitas casas. Tendo visto, de Neuhof, o clarão vermelho dos incendios, Pestalozzi dirige-se a Stanz, a cavalo, e vê desfilar as carruagens; era o dia em que se enterravam os pais; os filhos estavam à beira da sepultura e choravam. Pestalozzi pediu ao governo francês que lhe dê uma casa para acomodar todas essas criancinhas que vagavam pelas ruas, o governo lhe deu um convento; ele tinha dinheiro para comprar a roupa e a comida. Sua mulher escreveu-lhe uma carta: "Porque você conserva essas crianças, você que é pobre?" Então Pestalozzi lhe disse: "Porque você me escreve cartas tão horríveis?" Era necessário mandar reparar o convento, que estava um pouco demolido. Depois, à medida que um quarto ficava pronto, ele tomava a sua cama e a carregava para o quarto, e assim por diante

até que os quartos estejam todos prontos. Havia alguns que estavam doentes; outros tinham sarna; havia mendigos, mentirosos, ladrões, etc. Pestalozzi os amava muito. Quando eles estavam doentes, ele ia deitar-se com eles, à noite, eles pediam calculo; ele lavava os menores, e os maiores se lavavam, eles próprios; depois ele instava muito para que as suas crianças fossem bem tratadas. Em vez de falar sobre a primavera dentro de casa, ele as levava para o campo.

enfants ils étaient tout étonnés de voir comme ces enfants avaient avancé.



Ol. C., 13 ½ anos.

Eles estiveram em Lucarno, e deu-se a cada irmão um *batz* inteiramente novo. Uma vez o diretor foi ver a escola, e disse: "Oh! como eles sabem lêr e escrever bem!".

E depois eis que vêm anunciar que ele deve partir: queriam acomodar os feridos. Ele era tão infeliz que pensava ficar louco. Mas estava doente; ele se tinha fatigado muito; escarrava sangue. Tinha sido convidado por um seu amigo a repousar no cantão de Berna; quando seu amigo lhe dizia: "Repare como se vêem bem as montanhas", ele respondia: "Eu, quando vejo as montanhas, vejo todas as criancinhas que eu tinha comigo". E ele dizia frequentemente consigo mesmo: "Ah! se eu pudesse rehavê-las!".

Em Berthoud. — Depois Pestalozzi esteve em Berthoud para reassumir uma escola. Naquele tempo, quem quisesse podia ser mestre-escola; até um operário que quisesse dirigir uma escola deixava a sua ocupação e ia servir de mestre-escola para ensinar as crianças; cada uma trazia um livro qualquer e lia no seu livro; e quando elas gritavam todas juntas, o mestre ficava contente; e se havia algumas que olhavam pela janela, o mestre batia na mesa com uma varinha, e elas começavam a gritar, e o mestre ficava contente. Quando o mestre queria escrever uma carta, ia à casa de um pastor ou de um cura para fazer corrigir os seus erros. Naquele tempo a escola funcionava em casa do mestre, algumas vezes era numa granja ou numa grande cozinha.

Uma vez o governo francês veio, e disse: "Não, isso não pode continuar!". Mandam chamar Pestalozzi, e será o diretor da escola, também de uma escola para os mestres, para que eles possam

instruir melhor as crianças. Mas Pestalozzi recusou ser o diretor: pediu para ser o professor suplente numa classe regida por um sapateiro! E ele foi duas vezes mais sábio que o professor! Ele inventava jogos de cálculo para ensinar a contar, jogos de leitura, etc.", e quando o inspetor voltou, achou que aquela era uma verdadeira escola! Ele achava que as crianças tinham aprendido bem e dizia: "Esse Pestalozzi é bom, mas não é bonito!". Depois os franceses partiram, e ele teve de partir também!

O incidente de Cossonay — Pestalozzi estava perto de Cossonay, pensava no que devia fazer. De repente, numa curva da estrada, ele não tinha podido ver os vindimadores: foi apanhado pelo peitoral dos cavalos, e, saltando de lado, por um tris foi esmagado pelo carro; então ele pulou no valo como se tivesse 10 anos; e não se machucou. E disse: "Foi Deus que me salvou para que eu volte a fazer o bem!" Então, inteiramente cheio de confiança, ele voltou para Yverdon. E disse, todo contente, consigo mesmo: "Quero ainda ir buscar criancinhas para socorrer!".



EM YVERDON

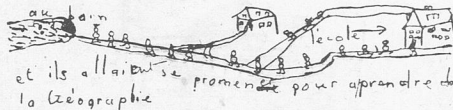
Ol. C., 13 ½ anos.

Em Yverdon (quadro XII, fig. 2) — Ofereceram-lhe tres castelos no cantão de Vaud: êle escolheu o de Yverdon. Os alunos tinham sorte: trabalhavam fóra. Havia 150 crianças. De manhã, elas

despertavam cedinho, e faziam uma lição; depois, havia um grosso tubo crivado de buracos, e as crianças iam cada uma para debaixo de um buraco, e isso serviu de ducha, e elas se esfregavam; depois iam almoçar; e havia ainda duas lições, separadas por uma distribuição de péras secas e de pão. Em seguida, elas podiam recrear



até ao jantar; havia algumas que se banhavam; outras brincavam de bola, etc. Depois havia ainda uma lição e, de 4 às 6 horas, havia um grande recreio. Elas iam passear para aprenderem a Geografia,



Fern., 10 ½ anos.

andavam á roda da casa para vêr como as flores floresciaam, e á tarde, quando havia muitas estrelas, Pestalozzi mandava olhar para elas. Vinha gente de todos os países, e dizia: "Mande-nos professores!". Um dia, um senhor que tinha visitado o Monte Branco, disse: "No Monte Branco, a gente está perto do céu; mas aqui se está ainda mais perto: Pestalozzi é como um santo!".



Uma vez que Pestalozzi estava em Lausanne, de repente sua mulher teve uma indisposição: ela morreu. Quando Pestalozzi chegou, a encontrou morta; ele chorou muito, e enterraram-na entre dois castanheiros. Uma vez que Pestalozzi viu que se punha muita terra em cima, chorou muito.

Depois, houve uma grande disputa entre os professores: eles escreviam coisas ruins a respeito da escola de Pestalozzi, e ele estava muito triste. Os professores e os alunos se retiravam: cada vez havia menos. Por fim, Pestalozzi perguntou quem queria partir com ele: houve um espanhol e tres outras crianças, e eles partiram para NeuhoF.

Fim de sua vida — Ha pintores que quiseram desenhar Pestalozzi, mas era difficil, porque ele era feio, todo enrugado e tambem porque tinha olhos tão bons que ninguem teria podido fazê-los com pincéis.

Chegado a NeuhoF, ele se sentia muito feliz por vêr seu bisnetinho Gottlieb; ele esquecia todas as suas misérias. Ele ia pas-



Alf. M., 11 1/2 anos.

sear e tinha "schnetzi" (schnetzi são frutos secos) na sua algebeira e os distribuía ás crianças que encontrava. Depois ele foi a Birr para visitar a escola, e achou-a bonita. Uma vez, ele escreveu para um orfanato, e disseram: "Sim, sim, nós queremos que o senhor venha ver-nos". Então, prepararam uma grande festa.

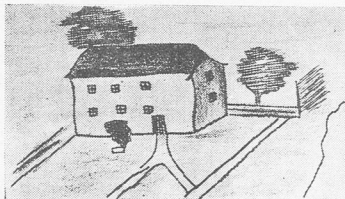
O professor contou historias: toda a aula estava enfeitada. Eles cantaram: "Paz, ó doce paz, vem ao meu coração!" (E Gisela — uma aluna da nossa classe — achou uma bonita canção para estas palavras). Eles tinham preparado uma corça de folhas de louro e



Alf. D., 11 1/2 anos.

uma menina quis pô-la na cabeça de Pestalozzi; mas ele disse: "Não vale a pena: estou muito velho", e ele a pôs na cabeça da menina. Ele queria dizer alguma cousa, mas, ouvindo cantar, tinha vontade de chorar.

Em NeuhoF, Pestalozzi escreveu ainda um livro: "O canto do Cisne", (isto quer dizer quando um cisne morre, diz-se que ele canta, mas é um ditado, e nesse livro ele pôs cousas modestas: quando a escola ia bem, Pestalozzi dizia que era culpa dos mestres e quando ela não ia bem, ele dizia que era por culpa sua.



O TUMULO DE PESTALOZZI EM BIRR

Alf. M., 11 1/2 anos.

Mais tarde um professor indigno escreveu artigos contra Pestalozzi: eram mentiras a respeito da sua escola. A principio ele disse: "O que escreveu isto, cumpre deixá-lo falar". Depois ele quis

responder: êle estava muito velho e doente; levantava-se de noite e, quando escrevia, não via mais claro e nem sabia se havia tinta ou não...

Ele estava tão doente que tiveram de transportá-lo para Brugg num trenó. A 26 êle estava quasi morto. Ele chamou seus amigos e disse: "Quem é que quer substituir-me e cuidar dos meus orfãos-zinhos?". Disse ainda: "Perdôo a todos os que me fizeram mal", e pediu para ser enterrado ao lado da escola e que se plante uma roseira no seu tumulo.

Na manhã seguinte estava morto. Tiveram que fazer cortes na neve para ir enterrá-lo. Quatro professores carregavam o seu caixão; entoaram ainda um belo cantico. Era em 1827. Mais tarde plantaram uma roseira no seu tumulo (Quadro XIII, fig. 1).

Depois todas as pessoas de todos os paises deram dinheiro para lhe fazerem um monumento em Yverdon: vê-se Pestalozzi com duas crianças ao seu lado.

Festejamos o centenario de Pestalozzi: em Genebra fizeram bonita propaganda". (*)

Acabavamos de terminar esta biografia quando eu formulei ás crianças — retardados cujo quociente intelectual varia de 0,54 a 1 — esta pergunta: "Porque gosto de Pestalozzi". Era mistér dar tres respostas. Uma vez mais, verifiquei, — mesmo colocados em frente de uma pergunta pessoal, e não de todo facil, nenhum dos alunos fez qualquer objeção nem achou a tarefa difficil. Pois que se tratava de Pestalozzi, é bem certo que o amavam e é bem facil tomar a pena e dizer porque.

Escreveu-se no "diario", para poder recopiar corretamente: tratava-se de enviar modelos de escrita para a Suissa alemã. Era o penultimo dia de escola; nas outras classes, já havia terminado o trabalho; alguns alunos partiam. Eis aqui todas as respostas dadas pelas dez crianças presentes: uma ou duas (entre as quais a mais fraca) estavam já em ferias.

PORQUE GOSTO DE PESTALOZZI

1. porque êle gostava das crianças;
2. porque êle gosta muito das flores;
3. porque êle gosta muito de Babeli.

F. 14 anos.

1. porque êle é bom para nós;
2. porque êle é bom e gentil;
3. porque se disse: nós gostamos bem dele ?;

F. 11 anos.

(*) Esta *Vie de Pestalozzi*, illustrada, foi tirada á parte. Está á venda em casa do autor, 30 cit. (suissos).

1. porque inventou escolas para nos instruir;
2. porque êle gosta de nós tambem;
3. porque êle recolheu muitas crianças.

L. G., 12 anos.

1. porque êle gosta das crianças;
2. porque êle as alimentou bem (a criança tem bom apetite);
3. porque êle procurou pobres crianças que se arrastavam na rua).

Eug. G. 14 anos.

1. porque êle cuidou dos orfãos;
2. porque êle gostava das crianças;
3. porque êle escreveu belos livros para se saber como educar as criancinhas.

M. F. 12 anos.

1. porque êle é muito gentil com as criancinhas;
2. porque êle fez muito bem aos orfãoszinhos;
3. porque êle inventou belissimos jogos para ensinar a ler e a calcular.

O. G. 14 anos.

1. porque êle educou crianças;
2. porque êle guardava tudo para os outros e nada para si;
3. porque Pestalozzi gosta muito de ter consigo crianças pobres e os mendigos.

F. G. 10 anos.

1. porque êle fez um belo livro para que as mãezinhos cuidem melhor de seus filhos;
2. porque êle tinha alimentado todos os orfãoszinhos;
3. porque êle dava tudo aos outros e nada para si.

Ren. G. 12 anos.

1. porque êle tomava as crianças, as que não tinham pais, e tinha mendigos e ladrões e mesmo os que são doentes;
2. porque êle perdoava os que falavam mal dêle;
3. êle dizia que, quando a escola ia bem, era culpa deles, e, quando ia mal, era culpa dêle: eu devia ter feito mais !

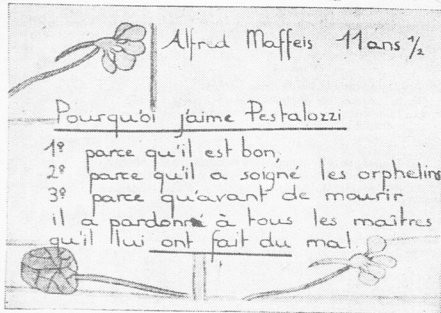
M. Z. F. 14 anos.

1. porque êle é bom;
2. porque êle cuidou dos orfãos;
3. porque, antes de morrer, êle perdoou a todos os professores que lhe fizeram mal.

Alf. M. G. 11 1/2 anos.

Esta ultima resposta, proveniente de um filho de alcoolico, que está longe de ter uma vida facil, é tão perfeita na forma como no fundo. Ei-la: (quadro XIII, fig. 2) infelizmente sem que possa ser reproduzida a finura das tonalidades.

Esperamos, por essas citações, ter despertado nos nossos leitores o desejo de deixar a criança exprimir-se livremente, desde que ela seja capaz disso.



UMA PROVA ESCRITA . . . E DE JULGAMENTO MORAL

Gostaríamos também de lhes sugerir que fizessem viver os escolares, neste tempo de crise aguda, na sociedade dos homens que honraram a humanidade. Foi com esse intuito que publicamos *Des Héros*; essas biografias estão postas ao alcance da inteligência infantil (Edition Imprimerie des Coopératives réunies, La Chaix de Fonds). Esperamos publicar outras séries delas.

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS RETARDADAS

É sob esse título que Melle. Alice Descocudres, notável pedagoga de Genebra, já bastante conhecida no nosso meio, acaba de publicar a 3.ª edição, refundida e aumentada, de sua importante obra: "A Educação das crianças anormais."

Logo de início, melle. Descocudres nos dá a explicação dessa mudança de título, que devemos reproduzir aqui, por-

que inúmeras vezes cometemos, para com esses infelizes, falhas imperdoáveis cotando-os francamente como "anormais".

Porque mudámos o título?

Como disse justamente o dr. Robin ("L'Enfant sans défauts")... "Longe de humilhar o novo ser por medidas de exceção, cumpre reerguê-lo do sentimento de inferioridade resultante das suas imperfeições. Não é com esse qualificativo de "anormais" que se chegará a esses fins uteis". Esse pormenor, aparentemente fútil, me parece importante. Uma palavra lamentável pode fazer o maior mal àqueles mesmo a quem queremos servir.

Se fossemos tão exigentes na escolha das palavras na linguagem científica como na criação poética, não tolerariamos guardar as que podem chocar a sensibilidade tão delicada dos doentes do espírito.

"Muito humildemente — diz melle. Descocudres — devemos dizer aqui o nosso "mea culpa", por termos, pelo título das duas primeiras edições desse livro, contribuído para popularizar este termo *anormal*, que se deve esperar que desapareça da linguagem popular corrente."

Essa palavra, tão pesada de sentido, tão fatalmente pejorativa, deve, efetivamente, desaparecer da nossa linguagem, não só porque é desumano dirigi-la àquele que é suspeitado de o ser, como também porque uma criança, que talvez, com efeito, um atraso considerável, ou uma lacuna, sob o ponto de vista cognitivo, pode ser perfeitamente normal e talvez mesmo bem dotada, do lado moral.

Ha já muito tempo melle. Descocudres advoga a causa das crianças retardadas e cuida de rehabilitá-las o mais possível.

Assim ela mostra, num bellissimo artigo dos "Archives de Psychologie", que, contrariamente à opinião espalhada, os anormais têm não raro uma vida afetiva muito intensa, são capazes de zelo no trabalho, de espírito de abnegação e de sentimentos muito delicados. Ela liga grande apreço á formação ética dos mesmos, susceptível de excelentes resultados. Ela a concebe, sob uma forma viva, em conexão com as mais importantes questões da atualidade — a guerra, o alcoolismo, o centenário de um personagem celebre (Pestalozzi, Beethoven, S. Francisco de Assis, etc.).

Para convencer ao leitor de que as crianças das classes D são capazes de uma fineza de sentimentos e de uma profunda compreensão dos fatos de ordem moral, damos acima um excerpto do livro de melle. Alice Descocudres, o qual vale pela melhor illustração dessa capacidade.

Trata-se de uma vida de Pestalozzi, contada por crianças retardadas, que apenas atingiam a possibilidade de se exprimirem por escrito. A historia e tão comvente que nos sentimos tomados da mais viva simpatia tanto por aquêl "louco" Pestalozzi, como pelas crianças que o descrevem, e como por melle. Alice Descoeudres, que sabe tão admiravelmente despertar na criança, ainda a menos do-tada pelo destino, os sentimentos mais humanos.

O presente excerpto é uma amostra do livro, traduzido, com a maior aproximação da linguagem e de estilo, por um nosso colaborador.

Esperamos e auguramos que a obra de melle. Descoeudres a respeito da educação das crianças retardadas apareça o mais breve possível em lingua portuguesa, afim de que os professores das classes D tenham esse manual a sua disposição. Estamos certos de que, com o auxilio dele, as classes especiais se transformarão muito depressa em focos de autentica educação espiritual e moral e que talvez mesmo os seus metodos vão irradiar até ás classes das crianças normais.

H. A.

NOTICIARIO

A CLASSIFICAÇÃO GERAL DO ENSINO ADOTADA PELO MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

(Comunicado da Diretoria
Geral de Informações, Estatis-
tica e Divulgação do Mi-
nisterio da Educação e Saude
publica)

O Convenio Inter-administrati-
vo discutido no seio da Quarta
Conferencia Nacional de Educa-
ção e solenemente assinado, em
memoravel reunião sob a presi-
dencia do Ministro da Educação,
pelos Delegados do Governo Fe-
deral, do Distrito Federal, do Ter-
ritorio do Acre e de todos os Es-
tados, foi ratificado, por parte da
União, pelo decreto n. 20.826, de
de 20 de dezembro de 1931, e, a
seguir, por atos equivalentes dos
demais governos que dêle partici-
param.

Atualmente já estão em plena
execução todas as medidas previs-

tas no Convenio, achando-se em
via de realização, por meio de
questionarios que correspondem
rigorosamente ao adiantado plano
previsto no quele acôrdo, todos os
inqueritos relacionados com o en-
sino.

Mas faltava fixar, nos termos da
Clausula VIII do Convenio, que
disto incumbiu á Diretoria Geral
de Informações, Estatística e Di-
vulgação, a classificação geral do
ensino, a que deverá obedecer a
divulgação das estatísticas educa-
cionais da Republica segundó os
novos e uniformes padrões esta-
belecidos.

Esse ultimo objetivo, entretanto,
acaba de ser alcançado, já estan-
do em via de impressão o folhe-
to em o qual, entre outras peças
relativas ao assunto e que reque-

K O D A K

A mais perfeita organiza-
ção de cinema educativo
do mundo

Oficializada pelo Governo do Estado,
sendo a unica que mantem ha 2 anos
uma perfeita organização, e escritorios
na Capital, á Rua R'io de Janeiro, Pala-
cete Blieriot, salas ns. 3, 4 e 17. Fone,
3691 -- Caixa Postal, 409 -- End. teleg.
KODAK -- por intermedio do seu Agente,
nesie Estado, sr. J. CORRÊA DE SOUZA,
vem se colocar á disposição de todos
os interessados, principalmente dos di-
retores dos estabelecimentos de ensino,
de todo o Estado.

NOTA Só nos estabelecimentos de ensino
desta Capital se encontram instalados cerca de 23
aparelhos KODAK

Em São Paulo e Distrito Federal, onde foram
tambem adotados, funcionam respectivamente 217 e
45 aparelhos. Só quem possuir um aparelho KODAK
poderá projetar films em côres naturais sobre Historia
Natural, lições de coizas, etc.

rem vulgarização, vai ser publicada a classificação elaborada pela aludida repartição, com a valiosa colaboração do professor Lourenço Filho, tendo em vista, quanto possível, as conclusões da tese, que sobre essa matéria foi presente à Quarta Conferência Nacional da Educação.

Sendo o assunto de real interesse para os meios que se ocupam com a estatística do ensino, vamos divulgar no presente comunicado o esquema geral da classificação adotada, fazendo-o, porém, para facilidade de exposição, sob uma forma simplificada, e com a ressalva de que, como toda a classificação, é de significação relativa, dependendo a sua preferência, assim, da compreensibilidade do seu contexto e do fato de harmonizar-se o critério que lhe serve de base com a moderna maneira de encarar a função social do ensino.

O esquema baseia-se na dicotomia fundamental: *ensino comum — ensino especial*.

O ensino comum tripartite-se em:

I — ensino não especializado ou geral (de enriquecimento cultural e pre-adaptação profissional);

II — ensino semi-especializado (de enriquecimento cultural e adaptação profissional genérica ou pluri-formal);

III — ensino especializado (de adaptação profissional restrita ou uni-formal).

O ensino especial divide-se por sua vez em:

I — ensino emendativo; e

II — ensino supletivo.

Ensino comum não especializado ou geral

Diferencia-se em — *pré-primário, primário, secundário e superior*.

O pré-primário abrange duas modalidades — *ensino maternal e ensino infantil*.

O primário desdobra-se em dois ciclos — o *ciclo fundamental* e o

ciclo complementar. No primeiro ciclo o ensino oferece tres tipos: *rudimentar* (2 graus), *médio* (3 graus) e *integral* (4 ou 5 graus). No segundo ciclo as modalidades são apenas — *ensino de adaptação e ensino pre-voacacional*.

Tambem em dois ciclos se desenvolve o ensino secundário. No primeiro, que é o *fundamental*, aparecem duas modalidades — do *ensino oficializado* e do *ensino livre*. No segundo ciclo, que é o do *ensino complementar* (com ou sem especialização vocacional), o ensino ou será o dos *colégios universitários* ou será o dos *curso autônomos*.

O ensino superior, finalmente, assume quatro especializações típicas — de *ciência, de letras, de filosofia e de teologia*.

Ensino comum semi-especializado

Distribue-se por tres graus — o *elementar, o médio e o superior*, correspondentes aos tres tipos do ensino profissional em que se integra, ou com o ensino geral primário, ou com o ensino geral secundário, ou com o ensino geral superior.

No primeiro grau, o ensino semi-especializado apresenta quatro modalidades — o *domestico* (exemplo: asilo de órfãos), o *agrícola* (exemplo: patronatos e aprendizdos agrícolas); o *técnico-industrial* (exemplo: escolas de aprendizdos artifices), e o *militar* (exemplo: escola de aprendizdos marinhaes).

No grau médio, diversifica-se em — *ginásial militar* (colégios militares); *normal* (escolas para formação de professores primarios), e *eclesiastico, pre-sacerdotal* (seminarios menores).

No grau superior, será, finalmente, o ensino — *politécnico, medico, militar* (escola militar e escola naval), *juridico, politico, artistico, pedagogico ou sacerdotal* (seminarios maiores).

Ensino comum especializado

Tambem se escalona por tres graus — o *elementar, o médio e o superior*, conforme seja *preponderantemente pratico, teorico-pratico ou preponderantemente teorico*.

No primeiro grau incluem-se as seguintes modalidades: de *artes e trabalhos agrícolas, de officios industriais, de serviços comerciais, de serviços sanitarios, de artes domesticas, de serviços de transporte, de serviços elementares, de administração publica e privada, artistico* (musical, mórfico e dramático), de *serviços técnicos militares, subalternos* (escola do soldado e varios ensinos especializados para praças).

O grau médio oferece os seguintes tipos de ensino: o *agrícola* (cursos médios de agricultura), o *técnico* (agrimensores, condutores electricistas, etc.), o de *serviços de transporte* (cursos de pilotagem e equivalentes) o *comercial, o sanitario* (enfermeiras, parteiras, veterinarios praticos, etc.), o de *administração domestica, o de serviços administrativos civis* (carteiros, telegrafos, policia civil, bibliotecas arquivos, etc.), o *artístico* musical, mórfico e dramático) e o *militar* (para sub-officiais das organizações militares, ou relativo a serviços técnico-militares de especialização teorico-pratica).

E no grau superior admite como modalidades — o *astronomico, o fisico, o agronomico e veterinario, o de serviços de transporte* (cursos de alta especialização — grande navegação maritima e aérea, serviços ferroviarios, etc.), o *comercial* (comercio em geral e serviços técnicos comerciais de alta especialização); o *técnico* (ramos especializados de engenharia além dos especificados), o *químico, o farmaceutico, o odontologico, o medico* (cursos especializados de hygiene, saude publica,

bacteriologia medicina tropical, etc.); o *juridico* (cursos especializados — notariado, administração diplomacia, etc.); o *politico* (cursos especializados — estatística, jornalismo, etc.); o *artístico* (musical, mórfico e dramático), e o *militar* (cursos técnico-militares especializados, de grau superior — aperfeiçoamento, estadao-maior, etc.).

Ensino especial emendativo

O ensino emendativo ou é *para anormais do fisico, ou para anormais da inteligencia, ou para anormais de conduta*. Aos anormais do fisico destinam-se os seguintes institutos de ensino: as escolas para *débeis do fisico*, as escolas para *amputados e estropiados*, as escolas para *cegos* e as escolas para *surdos-mudos*. Educam os anormais de inteligencia as escolas para *débeis mentais ligeiros* e as escolas para *débeis mentais profundos*. Destinadas ao ensino dos anormais de conduta, distinguem-se as escolas para *menores delinquentes* e as escolas para *menores perturbados ou viciados*.

Ensino especializado supletivo

Póde ter um carater *geral* ou *particularizado*.

No primeiro caso será: *elementar* — para adultos analfabetos em geral, para soldados (escolas regimentais), para imigrantes, para detentos, para asilados do Juizo de Menores: de *auto-cultura* (cursos por correspondencia, pela radio-difusão, pela gramofonia, etc.); de *extensão universitaria; de continuação* (escolas de oportunidade, escolas de continuação propriamente ditas); de *aperfeiçoamento geral; de alta cultura*.

No segundo caso, o ensino supletivo será — o de cultura fisica (ginastica, natação, esgrima, etc.),

ou *profissional* (Universidades Populares) ou de *linguas* (para aprendizagem pratica de um ou

mais idiomas), ou *religioso* (curso de catecismo, escolas dominicais, etc.).

O MOVIMENTO EDUCACIONAL EM MINAS-GERAIS

O que nos disse o professor Guerin Casasanta, inspetor geral da Instrução Publica do importante Estado vizinho.

Um representante do "Jornal do Brasil", de passagem por Belo Horizonte, notando o intenso movimento pedagogico na linda Capital mineira, procurou ouvir o professor Guerin Casasanta, inspetor geral da Instrução Publica de Minas-Gerais, sobre o atual problema da difusão do ensino primario naquele Estado.

Embora, há pouco tempo investido naquelas funções, o sr. Guerin Casasanta assim falou ao nosso companheiro:

"Circunstancias economicas, fatos publicos e sociais notorios vieram, de certa maneira, arrefecer, por um instante, o impeto e conter o entusiasmo em torno do problema educacional de Minas-Gerais. A obra iniciada, correspondendo a um intimo anseio do povo e interpretando uma imperiosa necessidade governamental, não se deteve, porém, á espera de que passasse o vendaval. O idealismo que empolga os mestres da nova escola tem a sua significação concreta e material no reiterado esforço e no persistente desejo de converter as energias dispersas em uma só e unica força construtora.

O muito que já se fez não nos absolve do muitissimo que temos que fazer.

O espirito vivo e rutilante, que penetra, anima e eletriza os novos metodos, modos e processos educacionais não abrangeu — e nem poderá abranger ainda — a totalidade das escolas. E' trabalho para alguns anos mais.

Nesta obra é que fui chamado a colaborar, já agora em um ambiente mais extenso e mais amplo, de horizontes vastos e imperscrutáveis, tendo a aliviar-me a tarefa a cooperação magnética de espiritos esclarecidos por um idealismo esplendido. Muito poderei fazer, não pelo que sou, mas pelo que poderei ser em contacto com os mestres, com a sua colaboração, com a sua cooperação, com o seu auxilio, com a sua assistência.

A COOPERAÇÃO NA ESCOLA

E já que me refiro a este assunto, devo dizer que o ponto culminante de um programa de trabalho está no fomento, na cooperação e auxilio mutuo.

Para vós estas palavras têm significação e personalidade. E' preciso que desde já — e quanto antes — os mestres despertem na conciencia infantil o sentido da palavra cooperação, não a disfarçando em definições mais ou menos imprecisas, obscuras e verbalistas, mas colocando-a no meio social e explicando a sua significação na construção material e espiritual da Patria, nas grandes aquisições de civilização humana.

Desde a sala escolar — que congrega na sua feitura o pedreiro, o ferreiro, o pintor, até os objetos usuais: o lapis, a pena, o tinteiro, a caneta, o giz — tudo é motivo suficiente para estimular a cooperação da criança e induzi-la a contemplar as obras maravilhosas que enchem a terra e nos encantam.

Para que possamos ler o nosso jornal, o nosso livro, para que te-

nhamos o nosso pão bem cedinho não só é necessario o trabalho de muitos operarios, como tambem indica a historia, de um esforço que vem desde éras remotissimas, para o bem da humanidade.

A OBRA DA COOPERAÇÃO HUMANA

O ensino da historia, ministrado sob este aspeço, perde aquella monotonia de nomes e datas, sem nenhuma repercussão agradável na alma infantil. No sentido de despertar, estimular as energias dos alunos, a Historia deve conter a evolução individual através dos seculos, as relações dos homens já no commercio e na industria, já nas ciencias e nas artes, no mundo físico, já as reacções que a natureza provocou na alma humana. Estudar a historia nos seus aspéctos, assim, desdobrando aos olhos dos alunos todo o formidável trabalho de cooperação que, afinal, nos maravilha e encanta, é ir de encontro ás mais intimas tendencias da alma infantil.

Foi atendendo ás novas e já consagradas correntes pedagogicas modernas que o governo sancionou a medida que, introduz no atual aparelhamento do ensino apreciaveis modificações.

O corpo técnico, creado por êle, veiu habilitar a Inspeçtoria Geral da Instrução a resolver, de pronto, duvidas suscitadas, corrigir falhas e negligencias, remover obstaculos á execuçáo e á pratica da escola nova, sendo certo que êle acompanha com carinho o trabalho de todos os professores em geral e de cada um em particular. Reputo essa inovação como uma das mais felizes do referido decreto pelo grande papel que lhe está destinado a desempenhar não apenas junto á Inspeçtoria — de que é parte integrante e inseparavel — mas ainda, e particularmente, junto ao professorado a quem ampara e assiste.

Dentro do espirito de cooperação, o Corpo técnico será, e já está sendo, instrumento de cultura, de vulgarização dos preceitos pedagogicos de animo e de estimulo. governo tem como idéa central. Será absurdo negar, mesmo em

A idéa da fundação de uma grande biblioteca central, em Belo-Horizonte, biblioteca pedagogica de grande cultura, é tambem um aspeço de cooperação que o pensamento, o alcance social das bibliotecas e, principalmente, da grande biblioteca, que tive o prazer de inaugurar, a 12 do corrente, realizando, assim, a aspiração do sr. Secretario da Educação.

O que a ella será, só o futuro nos dirá, com os frutos que dela colherão os nossos vindouros.

Outro aspeço — e este dos mais interessantes de todo o mundo pedagogico, é a socialização da escola que orienta, deriva, canalisa as tendencias infantis, cria-lhe o ambiente adequado ao seu desenvolvimento, colocando em situações de expandir sua liberdade, ampliando-a e restringindo-a, retificando-a no sentido da vida real, onde a criança vai agir e viver. Socializar a escola é colocá-la dentro da vida, fóra da qual ela tem vivido, estranha ao meio e por conseguinte inteiramente indifferente ás melhores aspirações da alma humana.

Os nossos fracassos, temores e duvidas, que nos embaraçam, amarguram e entristecem a vida se originam da má escola em que vivemos, longe das realidades, longe de nosso proximo, estiolados num trabalho solitario e infructifero.

OS PAIS E A ESCOLA

Se a escola trás em si, como condição primordial, encaminhar a criança para a vida, sendo desta a reprodução e a fotografia, não é possível prescindir da preciosa colaboração da familia, a sua com-

participação dos trabalhos escolares, a sua constante e permanente assistência.

Pais e mestres devem confundir-se como obreiros de uma mesma e nobilíssima construção, como operários e artífices de uma mesma obra grandiosa.

OS PROGRAMAS ESCOLARES

Interessada a família na educação da infância, seria interessante — e isto nos propomos realizar — a confecção dos programas escolares, ouvindo-se, por meio de inqueritos, os pais, para que eles nos indiquem quais os melhores ensinamentos que devemos ministrar a seus filhos.

Variando as necessidades da escola com o meio em que ela vai agir, claro é que os programas não podem ser idênticos para todas as zonas do Estado. E não seremos nós, afastados dos rincões e das grotas, dos povoados longínquos do norte de Minas, que estamos em condições de urdir um programa de ensino que corresponda às tendências das crianças das diferentes regiões do Estado. Eis aí uma ideia que pretendo ver realizada, promovendo a cooperação direta dos pais no aperfeiçoamento da escola.

O NOSSO TRABALHO

O nosso trabalho, no momento é, principalmente, estimular as iniciativas, empolgar os espíritos, avivar o entusiasmo dos professores. Para isso, organizamos uma caravana pedagógica que tem realizado, dentro e fora da Capital, palestras pedagógicas.

São palestras de verdade, de que participam, ativamente, os professores, objetando, inquirindo, esclarecendo, discutindo os pontos ventilados.

Tem sido um trabalho constante de visitas a todos os estabele-

cimentos de ensino oficiais ou particulares e a todos estes temos levado a nossa assistência constante.

A "Revista do Ensino" que, em razão de varias circunstancias, não podia circular com a pontualidade desejavel, iniciou, a 15 do corrente, a sua publicação duas vezes por mês, embora com menor numero de paginas.

Entendo que a sua influencia será assim mais benefica e nos auxiliará muito na execução do programa de trabalho que a Inspeção da Instrução tem em vista realizar.

Enquanto isso, o sr. Secretario da Educação, dr. Noraldino Lima, cuida de instalar o ensino técnico e profissional em todos os grupos da Capital, nos quais mandou já organizar a sôpa escolar. Em breve, teremos um parque publico de educação física, além de outros na Escola Normal e na Escola de Aperfeiçoamento. Iniciaram-se numerosas obras de aumento e reforma de prédios escolares e construção de novos grupos e escolas reunidas.

Os livros escolares, que constituem um verdadeiro pesadelo dos governos, estão sendo cuidadosamente examinados. Em breve instituiremos concursos para obras dessa natureza, só podendo ser aprovados os livros que rigorosamente preencham as condições estabelecidas.

O ensino normal — de que depende o ensino primario — tem merecido as melhores atenções do governo, que mantém numerosas escolas em diversos pontos do Estado. A cada uma delas foi fornecida uma biblioteca. A todos os grupos escolares da Capital e do interior têm sido distribuidas numerosas obras pedagogicas, destinadas a elevar cada vez mais a cultura dos nossos professores.

A PAZ PELA ESCOLA

O ambiente de uma escola verdadeiramente impregnada dos principios novos da pedagogia, apresenta-nos um aspeto de paz e de claridade, que levanta a vista e o coração.

Por isso é que a nossa Escola de Aperfeiçoamento foi muito bem classificada como a primeira do Brasil e a unica do mundo, pelo seu espirito.

Escola de trabalho intenso em cooperação e em entendimento, é a escola idêal, fruto de harmonia e de beleza. Escola sem espirito não merece propriamente o nome de escola; poderá ser instituto de centralização e dispersão de energias, nunca um laboratorio que se

destina á formação de individuos uteis.

A nossa tarefa — culminante e indispensavel — será de colocar a presente geração dentro da vida, pela escola, formando-a para uma existencia nobilissima de paz e de trabalho, de cultura mental e portanto destinada a fazer do Brasil uma grande, esplendida patria. A paz pela escola, eis, em suma, o nosso trabalho, o trabalho de quantos querem e desejam ser professores em seu scilicito proprio e certo, assim terminou o sr. Guerino Casasanta, inspetor geral da Instrução Publica de Minas-Gerais".

(Do "Jornal do Brasil", de 21 de outubro de 1932).

ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA

Inspeção Geral da Instrução

Instruções sobre as monografias exigidas dos diplomandos pelo decreto n. 10.362

Em solução a varias consultas recebidas a respeito do modo por que devem ser preparadas e defendidas pelos diplomandos as monografias a que se refere o artigo do decreto n. 19.362, de 31 de maio do corrente ano, fica estabelecido o seguinte:

a) a monografia versará sobre um ponto de metodologia geral ou especializada, de livre escolha do aluno que apenas o submeterá á apreciação do professor da cadeia.

Exemplos: o ditado, modo de fazê-lo; etc.; a metodologia da Historia; escola ativa e escola tradicional; escola nova e escola ativa; metodos de ensino; verbal, intuitivo e ativo; o metodo de projetos.

O ensino da matematica. O ensino da aritmetica. Como ensinar a resolver problemas. O ensino das operações sobre numeros inteiros.

O ensino da geografia. O ensino das ciencias naturais. As excursões.

Regimen disciplinar: como governar as crianças; como governar os adolescentes.

Educação física nas escolas. A musica e a educação física.

O auditorio, o club de leitura, etc...

b) Para a elaboração das monografias deverão os alunos recorrer ás bibliotecas, ás autoridades na materia, realizar experiencias nas classes anexas, observar o ensino nas classes primarias das Escolas ou dos Grupos da localidade, etc.

A arguição sobre a monografia tem por objetivo verificar se realmente o diplomando assimilo o que leu, ouviu, experimentou e observou.

A monografia não pôde restringir-se a uma copia ou simples compilação: é uma oportunidade que se oferece á aluna para que ponha em pratica seu espirito de iniciativa, seus habitos de leitura e de critica, de observação e de experimentação, deixando, enfim, traços bem nitidos de sua personalidade.

Belo-Horizonte, 17-9-932. — Guerino Casasanta, inspetor geral da Instrução.

AVISOS

Escolas normais

Os novos horários publicados a 25 de agosto findo devem ter imediata execução nas escolas normais oficiais e equiparadas.

Serão atendidas as modificações que a cada instituto é facultado introduzir nos ditos horários, na forma prescrita, nas observações que os acompanham.

Os períodos referentes a "Palestras e Conferências" são destinadas a trabalhos desse genero feitos pelas alunas.

Será reservado semanalmente às atividades dos gremios literarios ou litero-pedagógicos, das alunas das escolas normais, um dos períodos destinados à Socialização. — *Guerino Casasanta*, inspetor geral da Instrução.

—
Aos funcionarios incumbidos da orientação, direção, fiscalização, inspeção e assistência técnica do ensino

Convindo que a administração chegue informes mais detalhados acerca do estado actual dos estabelecimentos de ensino, do seu aparelhamento, da sua organização e da marcha dos trabalhos nele desenvolvidos; convindo igualmente que tais informes, tanto quanto possível, venham acompanhados da documentação respectiva e adequada, recomendo aos funcionarios incumbidos da orientação, direção, fiscalização, inspeção e assistência técnica do ensino:

1) — Que enviem nas épocas proprias, determinadas em leis, regulamentos ou avisos especiaes, os relatorios, noticias ou informações que devam prestar á administração;

2) — Que nesses documentos facam constar, sem os excessos de prolixidade ou de concisão, o que de essencial deva neles figurar em virtude de observações feitas ou de occorências verificadas;

3) — Que façam acompanhar os relatorios e as informações que enviarem, de toda documentação que for possível colher e que contribua para illustrar e concretizar as informações;

4) — Que devem constituir objeto preferencial de referencia ou apreciação, além de outros topicos, os seguintes:

a) — A escola: — Instalação, aparelhamento didactico, influencia do meio, recursos proprios, auxilios particulares;

b) Corpo docente: — Formação profissional, preparo, aptidões, vocação, espirito de solidariedade, relações com o meio social, com os colegas, com os alunos, entusiasmo e desenvolvimento;

c) — Corpo discente: — Inscrição, classificação e distribuição, assistência ás aulas, adaptação e progresso, atividades;

d) — Organização e divisão do trabalho: — Programas e horarios, organização disciplinar, metodos de ensino, meios de controle, instituições escolares, relações com o meio exterior, classes de ensaio, dificuldades e auxilios.

e) — Resultados: — Nivel de progresso, marcha da reforma, iniciativa dos professores, inovações projetadas e em marcha, desenvolvimento dos alunos, influencia do meio social.

Os funcionarios que actualmente fornecem relatorios em formula impressa e oficialmente adotada, enquanto não forem supridos de novas formulas já em elaboração, devem satisfazer as exigencias deste aviso adielonando á fórmula antiga de relatorio folhas suplementares em que se registrem aspectos e informações que a mesma não comporta.

Os relatorios quinquenais dos assistentes técnicos heui como os mensais que se exigem ás professoras técnicas visam apenas ao registro e indicação sumaria do serviço realizado naqueles periodos para fins administrativos. Dispensam-se nesses documentos os detalhes de informação que aqui se recomendam.

Convem observar que nem todos os relatorios registrarão a totalidade dos aspectos que se sugere acima, mas, como ficou dito, o essencial e o que occorrer. Tambem não é preciso que os mesmos aspectos e observações sejam repetidos em relatorios successivos e frequentes, sendo nas feições novas que possam apresentar.

Belo-Horizonte, 26 de setembro de 1932. — *Guerino Casasanta*, inspetor geral da Instrução.

Origem: Doação

Presco: